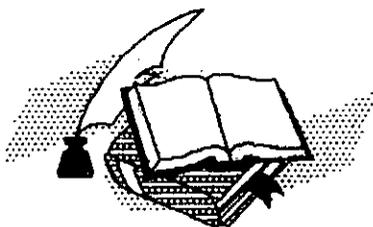


95/II

**LIVROS DIDÁTICOS, PARADIDÁTICOS
E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA:
CONSTRUÇÃO OU TRANSMISSÃO DOS
CONHECIMENTOS ?**



por

Dioni Brant e Silva

**Monografia Apresentada à
Universidade do Rio de Janeiro
como Requisito Parcial à Obtenção
do Grau de Licenciada em
Pedagogia.**

Dezembro, 1995

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PEDAGOGIA

**Livros Didáticos, Paradidáticos e
Ensino de Língua Portuguesa:
construção ou transmissão de conhecimentos ?**

Orientadora: Dr^a Prof^a Lígia Martha C. Costa Coelho

Rio de Janeiro

- 95 -

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, meu noivo, minha irmã, meus tios e tias, meus primos e meus avós que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis, contribuindo com palavras de carinho e incentivo para a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e amiga Lígia que me guiou para além das técnicas e das teorias ...
O meu muito obrigado.

Às amigas do 8º período.

SUMÁRIO

O que se pretende, nesse trabalho, é comparar os livros Didáticos e Paradidáticos utilizados no Ensino da Língua Portuguesa, levantando diferenças e/ou semelhanças entre ambos, bem como verificar de que forma estes livros contribuem para a transmissão ou construção dos conhecimentos lingüísticos.

O crescente número de publicações de Livros Paradidáticos e a baixíssima qualidade dos Livros Didáticos encontrados em nossas escolas nos levaram a pesquisar sobre este assunto, buscando verificar de que forma estes influenciam na vida escolar do aluno, pois é inegável a sua presença durante toda a passagem da criança na escola.

Aprenda o mais simples!
Para aqueles cuja a hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas
Aprenda! Não desmaie!
Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, anciã!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não
Tem casa!
Adquira o conhecimento, você que
Sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro:
É uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar,
Camarada!
Não se deixe convencer
Veja com seus olhos!
O que não sabe por conta própria
Não sabe
Verifique a conta
É você que vai pagar
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: O que é isso?
Você tem que assumir o comando.

Elogio do Estudo

Bertold Brecht

ÍNDICE

CAPÍTULO I

Livros Didáticos e Paradidáticos: "ler palavra" e/ou "ler mundo"? Em busca de um ensino de Língua para além das teorias.	1
---	---

CAPÍTULO II

Livros Didáticos: Emoção ou Repressão? Transformação ou Reprodução? - Uma Perspectiva Histórico-Social.	8
--	---

CAPÍTULO III

Livros Didáticos e Paradidáticos: Construir e Descobrir ou Transmitir e Encobrir? Em busca de um Ensino de Língua para além do "mero ensinar" e do "mero aprender".	19
3.1 O Livro Didático, Paradidático e o texto.	28
3.1.2 Livros Didáticos, Paradidáticos e os Exercícios.	43
3.1.3 Livros Didáticos, Paradidáticos a Estrutura.	48

CAPÍTULO IV

Livros Didáticos, Paradidáticos e Ensino de Língua - Educação para cidadania?	54
--	----

BIBLIOGRAFIA	64
---------------------------	----

ANEXO	67
--------------------	----

CAPÍTULO I

Livros Didáticos e Paradidáticos: "ler palavra" e/ou "ler mundo"?

Em busca de um ensino de Língua para
além das teorias.

Toda leitura da palavra, pressupõe uma leitura anterior do mundo, de tal maneira que "ler mundo" e "ler palavra" se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E "ler mundo" e "ler palavra", no fundo, para mim, implicam "reescrever" o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo.

(Paulo Freire, *Essa Escola Chamada Vida*, p.15)

Os índices de evasão e repetência, principalmente nas primeiras séries do primeiro grau, continuam alarmando educadores que lutam pela democratização da escola e por um ensino de qualidade para todos.

Quando falamos em democratização do ensino, não nos referimos somente ao aumento do número de escolas ou à melhoria das técnicas empregadas; nos referimos também à necessidade de descentralizar o saber, que sempre esteve nas mãos da classe dominante.

É importante que as classes populares, que até hoje vem lutando, passem a ter acesso a uma escola que responda a seus anseios, respeitando, sua cultura, seu modo de falar, seus costumes, etc.

O sistema educacional brasileiro, como todo o sistema nascido no seio de uma sociedade dependente e capitalista, joga toda a sua responsabilidade na chamada clientela, ou melhor, nos alunos e em sua condição econômica. A escola passaria a corrigir "defeitos" da chamada demanda escolar, sem questionar a si mesma.

Entretanto, esqueceram-se de que o problema pode não estar no aluno e sim na crise que se instalou na sociedade, na instituição escolar, e que, conseqüentemente, vem se refletindo em todo o ensino. E sendo a língua materna o principal instrumento de ensino-aprendizagem, será ela a mais sensível aos problemas oriundos das falhas educacionais.

Hoje em dia, ainda encontramos professores que mantêm as aulas de Língua Portuguesa mergulhadas em situações de inércia, transformando-as em inimigas número um dos alunos.

As aulas de Língua Portuguesa, de acordo com esta visão, fracassam sempre, pois é comum ouvirmos nas escolas frases como : "Português? Que saco! Olha a Prova!". Isto ocorre porque o ensino de nossa língua materna baseia-se, essencialmente, no puro teorismo gramatical, incumbindo-se de anular e imbecilizar os alunos.

Geraldi (1984:124) acredita que para reverter o quadro caótico em que se encontra o Ensino da Língua Portuguesa é necessário que:

(...) aceitemos a hipótese de que o compromisso político da aula de língua portuguesa é oportunizar o domínio da variedade padrão como uma das formas de acesso aos bens que, sendo de todos, são de uso de alguns.

Entretanto, acrescenta ele que:

A escola deve dar oportunidade ao aluno para que ele possa dizer a sua palavra, o seu mundo, que mais facilmente se poderá percorrer o caminho, não pela destruição de sua linguagem, para que surja a linguagem da escola, mas pelo respeito a esta linguagem, a seu falante e a seu mundo, conscientes de que também aqui, na linguagem, se revelam as diferentes realidades das diferentes classes sociais.

Desta forma, verificamos que é importante que o aluno perceba a existência das diversidades dialetais encontradas em sua língua e as denomine para que ele possa utilizar uma ou outra, de acordo com a situação em que se encontra.

É o que Magda Soares chama de biadialealismo para a transformação, afirmando que:

Uma escola comprometida com a luta contra as desigualdades deve vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir às classes populares a aquisição de conhecimentos, instrumentalizando-as para que conquistem amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social (1987 73).

Mas como fazer para que nossos alunos dominem a “gramática normativa” sem que as aulas de Língua Portuguesa se transformem em “bichos-de-sete-cabeças”? Acreditamos que a leitura pode ser vista como uma das principais “armas” na luta contra as “massantes” e “traumatizantes” aulas de Português.

Acreditamos ainda que, através da leitura, poderemos resgatar o falido ensino da Língua Portuguesa. Porém, devemos também reavaliar a visão de leitura que ainda vem sendo empregada em nossas escolas, abolindo concepções que a entendam como pura decodificação da palavra escrita. Caso contrário, estaremos contribuindo para o fracasso do ensino de nossa língua materna.

Paulo Freire acrescenta que “o ato de ler, ou melhor dizendo, a leitura da palavra mundo, deve ser almejada pelo professor no sentido que este desenvolva em seus alunos não só este potencial, mas também sua prática consciente”(1991:15), pois “ler palavra” é somente é somente introjetar normas e regras e “ler mundo” é ensinar a Língua Portuguesa para além das teorias. É fazer com que o aluno tenha contato com o contexto histórico e social em que vive, tomando-se agente de transformação desta sociedade para que ele possa “ler mundo” e “ler palavra”, reescrevendo as entrelinhas do texto da vida.

Para que haja realmente uma mudança nessa visão de Ensino de Língua que ainda encontramos hoje, é necessário que repensemos um dos materiais didáticos mais utilizados em nossas escolas - o livro didático. Frequentemente, ouve-se falar da má qualidade dos livros didáticos adotados por grande parte das instituições de ensino. Entretanto, é sabido que estes mesmos livros

são comprados, aos milhões, por pais de alunos e, principalmente, pelo Ministério da Educação, que os remete a todas as escolas do país¹.

Infelizmente, os que mais são atingidos com essa situação são os alunos pois eles, ao chegarem à escola, são forçados a utilizar livros que transformam o Ensino da Língua Portuguesa em puro teorismo gramatical.

Para Luft (1985:73):

Este se constitui no mais grave dano causado por um ensino de língua fundado na teorização gramatical, pois é exatamente o que o aluno não aprende. Ou então aprende fragmentado, regrinhas soltas que em nada contribui para um trabalho prático, livre e produtivo.

Desta forma, verificamos que é hora de se buscar novas alternativas para modificar a concepção que hoje se tem de Ensino da Língua. É necessário que o professor reavalie as aulas de Português e sobretudo os livros didáticos utilizados, pois é inegável a influência que estes exercem na formação do aluno.

Por esta razão, esta monografia buscará analisar os livros didáticos no que tange a transmissão ou construção do conhecimento lingüístico, bem como apontar o livro paradidático como uma nova alternativa para se ensinar a Língua Portuguesa.

¹ De acordo com a matéria intitulada "Veja como seus alunos estão aprendendo", publicada na revista Nova Escola, constatou-se que a maioria dos livros utilizados nas escolas são de baixíssima qualidade. Este número vem alarmando educadores e o MEC que, para tentar solucionar este problema, criou uma comissão para avaliar os livros distribuídos pela FAE a todas as escolas do país.

É inegável que ainda continuamos a utilizar modelos tradicionais que entendem o livro didático como mero repassador de informações, transformando o aluno em um sujeito passivo e reproduzidor das “verdades” nele contidas. Em contrapartida, surge o paradidático, livro que vem ganhando a preferência de um grande número de educadores, (pois pode ser utilizado no sentido de romper com as aulas de Língua Portuguesa) na medida em que possibilitam a participação do aluno como sujeito de sua aprendizagem e a apropriação da língua como forma de expressão e comunicação com o mundo.

Para que possamos entender melhor de que forma os Livros Didáticos e Paradidáticos contribuem ou não para formação lingüística do aluno, utilizaremos ao longo deste trabalho um estudo dialético das relações existente entre os dois tipos de livros. A historicidade, a dinamicidade e a contradição, aspectos fundamentais para uma análise dialética, serão levados em consideração, no sentido de verificar o perfil que os Livros Didáticos e Paradidáticos apresentam hoje, bem como no seu compromisso com a construção ou transmissão do conhecimento científico.

Esta pesquisa se dividirá em duas etapas de igual importância. A primeira, de caráter teórico, será responsável pelo levantamento bibliográfico (livros, artigos, documentos, etc.) a partir do qual se efetuará uma reflexão crítica acerca do tema. Já num segundo momento, de caráter prático, o projeto analisará Livros Didáticos e Paradidáticos que visam ensinar Língua Portuguesa na primeira série do primeiro grau a partir de três categorias selecionadas: o texto, a estrutura do livro e os exercícios.

Utilizaremos para este estudo livros didáticos da FAE, que serão sorteados aleatoriamente e sete livros da Coleção a Festa do Livro da editora Scipione. Esta escolha se deu por verificarmos ser a Língua Portuguesa uma área de ensino tão pouco contemplada com livros paradidáticos, diferente dos livros didáticos que são encontrados aos milhares por todo país².

Discutiremos ainda, no decorrer desta monografia, de que forma os Livros Didáticos e Paradidáticos encaram o ensino da língua indagando: Os Livros Didáticos e Paradidáticos favorecem a construção dos conhecimentos linguísticos para "além da leitura da palavra" (mera decodificação)? Os livros Didáticos e Paradidáticos permitem ao aluno reescrever o mundo (emancipar-se)?

Vejamos a seguir...

² Recentemente verificamos, na IV Bienal do Livro realizada no Rio Centro, em agosto de 1995, a publicação de mais uma Coleção de Livros Paradidáticos destinados ao Ensino de Língua Portuguesa. A Coleção intitulada "Assim ou Assado?" de Cristina Porto editada pela FTD contém sete livros que objetivam trabalhar as dificuldades ortográficas de forma lúdica e criativa, tomando o aprendizado da Língua Portuguesa algo livre e espontâneo para o aluno.

CAPÍTULO II

Livros Didáticos: Emoção ou Repressão?

Transformação ou Reprodução? - Uma Perspectiva Histórico-Social

O Livro Didático não se constitui um simples instrumento utilizado pelo professor para repassar informações, e sim um objeto de emoções.

Oliveira (1968:10)

Os Livros Didáticos se constituem como objetos de emoção e transformação ou de repressão e reprodução?

Durante a vida escolar, o livro didático funciona como mediador das relações estabelecidas entre a construção do saber individual e o saber científico, ou seja, o livro didático assume o papel de intermediador entre os conteúdos programáticos e a bagagem cultural do aluno, transformando-o em um instrumento criador de elos entre a criança e a escola.

Infelizmente, verificamos que os livros didáticos vem sendo utilizados de forma a incutir no aluno modos de pensar e agir que expressam a visão de mundo de um determinado grupo ou classe. O livro passa então a distanciar o aluno cada vez mais de suas experiências, diferenças e singularidades, contribuindo para a disseminação de ideologias que visam a manutenção do status-quo.

Para que possamos entender melhor a relação existente entre o livro didático e a influência que ele exerce na formação do aluno é necessário

que investiguemos a sua origem e a sua evolução, a fim de que possamos elucidar algumas questões históricas que marcaram a concepção de livro didático que hoje encontramos nas escolas.

A História do livro didático confunde-se com a própria história do livro. Inicialmente, a educação caracterizava-se pela utilização de livros ou textos sem que houvesse preocupação com a questão didático-pedagógica. Ao longo dos séculos, com a crescente preocupação em torno do processo ensino-aprendizagem, estes livros foram se aperfeiçoando, dando origem aos modelos de livros didáticos difundidos atualmente.

Durante muito tempo o livro foi utilizado como o único veículo de comunicação escrita e seu custo era muito elevado. O livro, considerado uma obra de arte, era primeiramente apreciado esteticamente para depois ser lido. Hoje, percebemos que o livro se transformou em produto de consumo (mercadoria), perdendo sua primazia como suporte da escrita.

Na Antiguidade, o código oral precedia o código escrito, ou seja, o conhecimento era transmitido basicamente através do oral. Segundo Barbosa (1992: 97):

Embora na Grécia e em Roma boa parte da população dominasse as técnicas de leitura, desenvolvia-se a arte da oratória através do diálogo entre mestre e aprendiz.

Tendo a escrita valor secundário nas civilizações antigas, o livro, ou melhor dizendo, os textos escritos eram pouco valorizados. Barbosa acrescenta ainda que:

(...) as poucas palavras escritas por Cristo foram registradas na areia e apagadas pelas águas. Sócrates nada escreveu, o mesmo ocorrendo com Buda. Para Platão os livros eram esfinges que permaneciam mudas diante das perguntas humanas. (1992:97)

Neste período da história verificamos que o livro, na verdade, se constituía apenas por textos escritos chamados de volumens onde se armazenavam os pensamentos da época. Na Grécia, encontraremos as contribuições de Homero, Hesídeo e os poetas gnômicos com seus primeiros textos utilizados nas escolas. Entretanto, o Ensino na Antigüidade baseava-se fundamentalmente na transmissão dos conhecimentos através da imitação e da memorização dos textos.

Segundo Larroyo em Oliveira (1969:21):

O esquema seguido em Roma, nos estudos de texto era o seguinte: a) ditado do fragmento; b) memorização; c) tratamento do verso; d) expressão da mesma idéia de diversas formas; e) análise das palavras e frases; f) composição literária.

Apesar das grandes contribuições literárias, os textos eram utilizados apenas de forma mecânica, onde os alunos copiavam e aceitavam as verdades neles contidas, pois eram considerados instrumentos de difusão do ideário clássico.

Com as inúmeras invasões bárbaras, a cultura antiga vai desaparecendo e com ela a própria dimensão do livro. Em contra partida, surge uma cultura de espírito cristão pregada pela Igreja. A escrita, agora em desuso, passa a ser de domínio eclesiástico, transformando o livro em símbolo sagrado “que o povo pode venerar mas não entender”³.

De acordo com Jackson (1956:128):

Desapareceu completamente a cultura na vida civil, transformando os mosteiros nos únicos centros de estudos (...) Não só porque era próprio dos monges dedicar-se à leitura e à reflexão, mas também porque os mosteiros foram os únicos lugares onde se guardaram os poucos manuscritos preservados.

Desta forma, o Ensino na Idade Média caracterizava-se pela centralização do saber nas mãos da Igreja, onde se desenvolviam as técnicas de memorização dos textos sagrados sem que se fizesse uma análise de seu conteúdo⁴.

Em meados do século XI, o Clero começa a perder o monopólio do ensino devido o aumento de atividades comerciais e manufatureiras e principalmente pelo desenvolvimento das Cruzadas que “puseram os cristãos na Europa em contato com o mundo.”(Jackson 1956:149). Estas mudanças na vida medieval contribuíram para a difusão da escrita, ganhando novos adeptos.

³ BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura - São Paulo: Cortez, 1992. -2. ed. rev. - (Coleção Magistério. 2^o grau. Série formação do professor, v.16).

⁴ Nesse sentido ler, O Nome da Rosa de Umberto Eco.

Surgem as Universidades, que começam a florescer por volta do século XII. Entretanto, com a falta dos livros, o ensino se desenvolveu através da utilização de aulas expositivas, onde o professor lia os textos que constituíam o conteúdo da lição para depois desenvolver seus comentários.

Com o crescimento cada vez mais significativo nas áreas jurídica e teológica, exigiu-se que se difundissem os livros.

Para Jackson (1956:150):

O desenvolvimento desses estudos cria uma enorme procura dos livros, influenciando a realidade dos primeiros intentos para as edições múltiplas que culminaram com a invenção da imprensa.

Em 1444, Guttemberg inventa a Imprensa, contribuindo para o Renascimento artístico e literário e para a difusão das idéias protestantes (a Reforma). Lutero, monge agostiniano, defensor destas idéias, pregava que “os homens deveriam ter acesso à palavra de Deus diretamente por meio da página impressa” (Barbosa, 1992:103) e não pelas interpretações difundidas pela Igreja.

As inúmeras modificações que marcaram profundamente os últimos séculos da Idade Média foram cruciais para o surgimento de um novo período da história que clamava pela modernidade.

O Iluminismo, movimento cultural que pretende iluminar com a razão o obscurantismo da tradição, acaba de vez com a hegemonia da Igreja, cedendo o lugar para o pensamento liberal que posteriormente influenciará a formação do sistema capitalista moderno.

O livro didático começa a ganhar admiradores, especialmente no século XVII, com Comenius em sua Didática Magna, onde ele propõe que a base da reforma do ensino seja a ordem e que o sistema como um todo se organize e funcione como uma tipografia, isto é, surge a necessidade de se organizar e agrupar os conhecimentos científicos.

É neste momento que se começa a pensar em um novo tipo de livro que atenda às necessidades educacionais. Inicia-se então uma nova era - a do *Livro Didático*.

No século XIX, apesar do desenvolvimento de uma filosofia racionalista e empirista, os livros didáticos ainda eram vistos como adicionais à Bíblia.

Segundo Oliveira (1984:36):

Os primeiros livros didáticos, escritos sobretudo para os alunos das escolas de elite, procuram complementar os ensinamentos não disponíveis nos Livros Sagrados.

Os esforços para a organização dos Livros Didáticos e a sua aparente evolução não foram suficientemente marcantes para romper com a utilização de uma metodologia de ensino semelhante às empregadas nas culturas Clássica e Medieval, pois "ainda encontramos Livros Didáticos sendo utilizados dentro do contexto escolar, desenvolvendo atividades de aprendizagem essencialmente voltados para a memorização e recitação verbatim de seus conteúdos." (Oliveira, 1984: 59). Portanto, percebemos que o código oral permanecia sendo considerado mais valorizado do que código escrito.

Dos relatos sobre a História dos livros Didáticos no Brasil, sabemos que se iniciou com a utilização de livros estrangeiros ora traduzidos, ora não. Entretanto, a questão da nacionalidade dos livros didáticos só começa a despontar a partir da Revolução de 1930 e com o encarecimento do livro estrangeiro provocada pela crise econômica mundial que permitiu ao livro brasileiro entrar no mercado.

Segundo Freitag (1989:12) outro fator de grande importância que contribuiu para o fortalecimento do livro didático brasileiro diz respeito “ao desenvolvimento de uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico”.

Na verdade, a História do Livro Didático Brasileiro é constituída por uma série de leis e decretos, que influenciados pelo pensamento da sociedade da época vão determinar o perfil dos Livros Didáticos difundidos nos meios escolares.

Oliveira acrescenta ainda que:

Há uma tendência a atribuir à História dos Livros Didáticos fases ou etapas de um processo de evolução do Ensino e da Educação no país. As várias reformas no ensino, acontecidas ao longo do tempo, têm servido com frequência para recortar essa história. (1984:24)

A Reforma Francisco Campos, uma das primeiras manifestações que contribuíram para a organização dos Livros Didáticos, ocorreu em 1931. Primeiramente, a reforma tinha o objetivo de elaborar instruções metodológicas

que revolucionariam o ensino primário e normal. Conseqüentemente, tais instruções favoreceram a organização dos Livros Didáticos da época.

A Reforma Capanema, outra de grande importância, foi responsável pela divisão das matérias em Unidades Didáticas que, em vez de se dividirem em pontos, organizaram-se em unidades, embora não bem definidas⁵.

Em 1938, com o decreto-lei nº 1006 o Livro Didático passa a receber atenção especial, principalmente com a criação da Comissão Nacional do Livro (CNLD), onde se determinou normas de aprovação dos livros escolares.

Cabia a essa comissão examinar e julgar os livros didáticos, indicar livros de valor para tradução e sugerir abertura de concurso para produção de determinadas espécies de livros didáticos ainda não existentes no país. (Freitag, Costa e Motta, 1989:13)

Em 29/03/39, o Decreto-lei nº 1177 aumenta de sete para doze o número dos membros da CNDL, regulamentando sua organização e seu funcionamento. Em 1945, com o final da gestão Capanema, surgem vozes críticas questionando a legitimidade dessa comissão.

Na década de sessenta são assinados vários acordos entre o governo brasileiro e americano (MEC / USAID), criando-se a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED). Esta comissão tinha o intuito de desen-

⁵ OLIVEIRA, Alalde Lisboa de. O Livro Didático, MG, Bernardo Alvares S.A, 1968, p.38

volver um programa que incluiria a instalação de bibliotecas e um curso de treinamento de instrutores e professores em várias etapas sucessivas, desde o Nível Federal da União até os níveis mais baixos dos municípios e das escolas⁶.

Alguns educadores brasileiros criticaram arduamente a parceria MEC / USAID, pois eles acreditavam que havia interesse americano, no controle do mercado livreiro, principalmente do Livro Didático.

Em 1968 é implantada a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) que, em, 1976, passou a ser responsável pelo Programa do Livro Didático.

A criação de comissões para a avaliação dos Livros Didáticos não foi suficiente para conter a crise da leitura que se instalou na década de 70. Surgem então, os Livros Paradidáticos, que influenciados pelas idéias da Lei nº 5692, são difundidos em todo país.

Já em 1983, com a aprovação da Lei nº 7091 é constituída a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) que tem, como objetivo, "apoiar a Secretaria de Ensino de 1^o e 2^o graus - SEPS / MEC -, desenvolvendo os programas de assistência ao estudante nos níveis da educação pré-escolar e de 1^o e 2^o graus para facilitar o processo didático-pedagógico"⁷.

⁶ Conferência MEC / COLTED realizada 1968.

⁷ MEC / FAE Relatório Anual, 1984. (Brasília, 1985:07)

Como decreto lei nº 91542/85 foi implantado o Programa Nacional do Livro , onde os professores de 1ª à 4ª série do 1º grau passaram a escolher os livros didáticos a partir de uma lista enviada pela FAE às escolas públicas do país.

Hoje, com o crescimento da indústria editorial e com a implantação de estratégias de marketing, os livros didáticos são aceitos e encontrados aos milhões. Entretanto, percebemos que, apesar de ser de longa data a preocupação com os livros didáticos, ainda encontramos nas escolas livros de baixíssima qualidade, contendo erros conceituais, pedagógicos e editoriais gravíssimos, que comprometem o trabalho docente⁸.

Com o intuito de rever o quadro caótico em que se encontra o Livro Didático, o MEC, através da Fundação de Assistência ao Estudante convocou, em 1994, uma nova Comissão para determinar critérios de avaliação desses livros, juntamente com a elaboração de um programa de capacitação em leitura para os professores, pois para Garcia⁹ “ o professor precisa ler mais, ou seja, ter acesso ao material de leitura” para que ele possa avaliar, escolher e indicar o livro didático.

Desta forma, verificamos que a História do Livro Didático no Brasil

⁸ Nesse sentido ler a matéria intitulada *Veja como seus alunos estão aprendendo*, publicada em agosto de 1994 na Revista Nova Escola.

⁹ Depoimento retirado da entrevista realizada em 1994 pela Revista Nova Escola à Valter Garcia.

é marcada por uma política governamental onde o Estado determina o currículo mínimo a ser seguido como modelo (núcleo comum e suas adaptações específicas para as diferentes unidades da federação). Sendo assim, as editoras “seguem à risca os pareceres emitidos pelos Conselhos Federal e Estadual, nos quais esses currículos são sancionados”(Freitag, Costa e Motta, 1989:22), contribuindo cada vez mais para a publicação de livros didáticos padronizados e moldados de acordo com os interesses de uma minoria privilegiada.

Na verdade, os que mais são atingidos com essa situação são os alunos, pois estes são forçados a copiar e decorar conceitos esvaziados, que em nada contribuem para sua formação, transformando-o em um indivíduo conformado com a maneira de ver o mundo, a realidade e a sociedade.

De acordo com essa visão, os livros didáticos passam a ser utilizados como transmissores do saber científico, ou seja, o livro não propicia a interação do aluno com o objeto de estudo tornando-o um mero observador das verdades nele contidas.

A emoção, o prazer e o incentivo de se buscar novos conhecimentos lhe são negados, criando entre o livro didático e o aluno um grande abismo. Este não encontra naquele nada que seja atrativo e que realmente satisfaça suas necessidades. O ato de estudar passa então a ser visto como algo pronto e obrigatório, fazendo com que o aluno se distancie cada vez mais do lado-emoção que todo livro deveria possuir.

CAPÍTULO III

Livros Didáticos e Paradidáticos:

Construir e Descobrir ou Transmitir e Encobrir?

Em busca de um Ensino de Língua para além do “mero ensinar”
e do “mero aprender”.

Pode parecer estranho rejeitar que seja real apenas o que se vê, pois a ciência vive do desafio imorredoro de descobrir realidade que, sempre de novo, ao mesmo tempo se descobre e se esconde(...) O que se vê, de modo geral, não é nem de longe, a parte principal e, na conseqüência, o que está nos dados muitas vezes é manifestação secundária, ocasional, superficial.
(Demo, 1990:19)

A partir do recorte histórico feito no capítulo anterior, percebemos que, na prática educativa, confrontam-se dois saberes distintos: O que se dá através da mera transmissão dos conhecimentos e o que se constrói ao longo do processo ensino-aprendizagem.

O primeiro, de caráter tradicional, transforma o saber em produto a ser adquirido, ou seja, a ser aceito como verdadeiro. É o que Paulo Freire (1990:10) denomina de educação bancária, explicando que:

A prática docente ainda se encontra carregada de autoritarismo, inibindo, quando não reprimindo a capacidade do aluno de perguntar, questionar o que lhe está sendo imposto. Tal fenômeno contribui para a formação do círculo vicioso do silêncio onde a única voz autorizada a falar é [a do professor] ou a dos livros.

Já o segundo, de caráter libertador, objetiva levar o aluno a ver com seus próprios olhos, ou seja, a enxergar o mundo para além das técnicas e das teorias, tornando-se agente ativo na construção de seu próprio saber.

Coelho (1994:91) ressalta ainda que a construção do saber deve ser entendida como um dos mais importantes passos a serem dados no sentido de se buscar uma construção social para a transformação pois:

O mínimo que se exige (...) é a socialização das informações, o diálogo/reflexão sobre essas mesmas informações/saberes, a relativa certeza sobre o que fazer e o por que fazer.

Na verdade, as questões que giram em torno da construção dos conhecimentos devem ser analisadas a partir de uma visão sócio-política e cultural dos fatos educacionais. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário que levemos em consideração a relação existente entre **saber** e **poder** presentes em nossa sociedade, pois é sabido que a escola incumbe-se de estratificar o conhecimento científico de acordo com as classes distintamente hierarquizadas. (Apple, Moreira, Silva)

O saber está e sempre esteve nas mãos de uma pequena minoria privilegiada que se utiliza das instituições, principalmente as escolares, para manter sua hegemonia (hegemonia da classe dominante). Para isso, disseminam sua ideologia, contribuindo para que o aluno apreenda apenas os conhecimentos já solidificados, visto que estes não são considerados passíveis de erros. Sendo assim, não podem ser criticados e muito menos questionados.

De acordo com esta concepção de educação, o conhecimento é transmitido para o educando como algo pronto e acabado, facilitando a consolidação do poder, ou seja, do status-quo.

Nesse sentido, acrescenta Garcia (1986:44) que:

Os [meios escolares] reforçam a malha do sistema, impedindo que [o aluno] desenvolva sua capacidade crítica, sua criatividade, seu raciocínio, criando robôs que a indústria moderna neste sistema necessita, robôs que forneçam o máximo de mais-valia sem questionar.

Por esta razão, Demo afirma que:

[É necessário que] se rejeite o que seja real apenas o que se vê, [ou seja, aceite como verdadeiro o saber difundido nas instituições escolares] sem que se viva o desafio imorredouro de descobrir a realidade, que de novo, ao mesmo tempo se descobre e se esconde (...).

Entretanto, ao falarmos em ensino de língua, que envolve o nosso objeto de estudo, verificamos que os conhecimentos lingüisticamente transmiti-

dos no âmbito escolar também se apresentam fortemente marcados pela relação existente entre **saber e poder**.

Tradicionalmente, não havia uma preocupação em relacionar os problemas pertinente à aquisição da língua, tais como leitura, escrita, gramática normativa, variante culta e etc., às questões sociais, históricas e culturais.

Conseqüentemente, jogava-se a *culpa* no aluno, pois "a escola oferecia igualdades a todos, o bom aproveitamento dessas oportunidades dependia do dom-aptidão, inteligência e talento de cada um".(Soares, 1984:10)

Entretanto, com o surgimento das idéias que originaram os modelos socio-interacionista e socio-lingüístico, difundidos por Vygotsky e mais tarde por Freire, foi possível romper com concepções solidificadas de leitura e de língua, entendendo-as como algo inerente ao contexto histórico e social do aluno.

Como afirma Vygotsky (em Braggio, 1992:85) :

Para explicar a formas mais complexas da vida consciente é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar as origens desta vida consciente e do comportamento categorial, não nas condições externas da vida e, em primeiro lugar da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem.

E sendo a linguagem um dos principais veículos de construção da história socialmente determinada, será ela também considerada um instrumento

E sendo a linguagem um dos principais veículos de construção da história socialmente determinada, será ela também considerada um instrumento valioso para que se rompa com a "industrialização do saber", pois acrescenta ainda Braggio (1992:85) :

O nascimento da linguagem, que levou ao aparecimento de um sistema de códigos, simpráticos a princípio e finalmente sinsemânticos, teve importância decisiva para o desenvolvimento da atividade consciente do homem, do conhecimento humano.

Mas de que forma poderemos trabalhar com nossos alunos para que eles, através da linguagem, tornam-se agentes de construção dos conhecimentos lingüísticos?

Acreditamos que a leitura, uma das mais importantes formas de manifestação da linguagem verbal graficamente codificada, deve ser almejada no sentido de provocar a reflexão, a integração e o crescimento global do aluno, pois verificamos que o ensino de Língua Portuguesa, orientado pelo teorismo gramatical é exatamente o que o aluno não aprende. Ou então aprende fragmentado, com regrinhas soltas que perturbam a comunicação livre e autêntica.

Segundo Luft (1885:73) :

Este constitui o mais grave dano causado por um ensino de língua fundamentado na teorização gramatical (...) a convicção que se vai infiltrando de não saber a língua e com isso o bloqueio da criatividade, a inibição da linguagem, a sensação de inferioridade e insegurança no terreno são fatais.

Nesse sentido, o ato de ler torna-se imprescindível à prática educativa, na medida em que se deve ser utilizado a fim de resgatar em nossas aulas de português o que se vem perdendo ao longo do tempo - o estímulo e a confiança de nossos alunos, fazendo-os construir os conhecimentos lingüísticos através das descoberta dos inúmeros mistérios que envolvem o ensino de sua língua materna.

Entretanto, verificamos que a leitura desenvolvida na escola, muito pelo contrário, incumbe-se de castrar e limitar o aluno, pois na maioria das vezes o ato de ler se restringe apenas a fragmentos de textos que, na verdade, são escolhidos apenas como pretexto para ensinar normas gramaticais e aumentar vocabulário.(Lajolo, Marisa, 1989:56).

Neste sentido, cria-se uma falsa atmosfera onde o professor pensa que ensina e o aluno finge que aprende. Em outras palavras, percebemos que esta visão de ensino de língua em nada contribui para a formação do aluno, reforçando a sua condição de objeto através da reprodução daquilo que aprendeu como verdade.

É o que Demo (1990:83) afirma quando diz que:

A sala de aula torna-se prisão da criatividade cerceada, à medida em que se instala uma ambiente meramente transmissivo e imitativo de informações de segunda mão. Na frente está quem ensina, de autoridade incontestável, imune a qualquer avaliação; na platéia cativa estão os alunos, cuja função é ouvir, copiar e reproduzir, na mais tacanha fidelidade.

É em contraposição a esta linha de pensamento que propomos uma nova concepção acerca do termo leitura, apresentando-a como uma prática emancipatória, na medida em que busca atribuir ao conhecimento o papel de condutor da conscientização, ou seja, de proporcionar ao aluno a construção do seu próprio conhecimento, pois, de acordo com Garcia (1989: 45):

Criar saber é desafio maior (...). Significa a possibilidade das camadas populares formularem seus interesses, criarem alternativas de poder.

Demo acrescenta ainda que:

Uma educação para emancipação deve ocorrer levando-se em consideração dois aspectos relevantes: a pesquisa e a criação.

Estes aspectos, trabalhados associadamente em sala de aula, proporcionarão à criança a construção dos conhecimentos a partir de sua própria capacidade de descobrir e redescobrir os acontecimentos, a realidade e, conseqüentemente, a sociedade e o mundo em que vive.

Percebemos então que, para que o processo de ensino aprendizagem se efetue através da construção dos conhecimentos, é necessário que incentivemos nossos alunos à leitura, à pesquisa, e à criação, pois eles, de posse dessas ferramentas, “conceberão e executarão a consciência questionadora, que se recusa a ser massa de manobra, objeto dos outros, matéria de exploração, [buscando a criação] de uma política emancipatória de construção do sujeito social competente e organizado”. (Demo, 1990:82)

Nesta ótica, o ensino da língua passa a ser visto para além do *mero ensinar* e do *mero aprender*, visto que privilegia teorias críticas da educação, atribuindo ao objeto leitura uma prática emancipatória.

De acordo com esta concepção de língua, é impensável que ainda estejamos utilizando livros que privilegiam a transmissão dos conhecimentos lingüísticos, cerceando a criatividade e a investigação de nossos alunos.

Desta forma, analisaremos a seguir Livros Didáticos e Paradidáticos utilizados no Ensino da Língua Portuguesa, levantando diferenças e/ou semelhanças entre eles, bem como verificando se estes livros propiciam um ambiente facilitador dos conhecimentos lingüísticos.

3.1 Livros Didáticos? Paradidáticos?

É sabido que os livros didáticos são massivamente utilizados como verdadeiras “muletas” nas escolas, sendo muitas vezes considerados como único recurso didático disponível ao trabalho docente.

Entretanto, é preciso lembrar que o termo livro didático deve ir mais além do conceito de livro impresso. Sendo assim, o livro didático é apenas um, entre os vários instrumentos utilizados para a ação educativa, tais como jornais, revistas, cartazes, textos, entre outros.

De acordo com esta visão, estes materiais podem ser usados paralelamente ao livro didáticos, ou até mesmos substituí-los, de modo a facilitar e a enriquecer o processo educativo.

Dentro desta mesma linha de pensamento, temos a influência dos paradidáticos como uma nova alternativa de se ensinar os conhecimentos historicamente produzidos.

Sendo assim, partiremos para o segundo momento desta pesquisa, de caráter prático, onde se efetuará a análise dos Livros Didáticos (Porta de Papel, Festa das Palavras e Alegria do Saber) e dos Paradidáticos (Coleção Festa do Livro), levando-se em consideração três categorias: o texto, os exercícios e a estrutura dos livros.

Em primeiro lugar, investigaremos de que forma os textos são orientados para ensinar a língua, bem como identificaremos como é tratada a questão da leitura nestes livros. Em segundo lugar, verificaremos de que forma os exercícios trabalham os conteúdos gramaticais, contribuindo ou não para a construção dos conhecimentos lingüísticos. E em terceiro e último lugar, busca-

remos descrever a estrutura destes livros, com o intuito de fundamentar as observações que serão levantadas nas duas categorias anteriores.

3.1.1 O Livro Didático, Paradidático e o Texto

O texto, uma das mais significativas formas de manifestação da linguagem escrita, pode ser desenvolvida de duas maneiras distintas. A primeira, de caráter tradicional e arbitrário, é usada como forma de instauração do mundo, ou seja, de imitação e aceitação das desigualdades historicamente produzidas. E a segunda, de caráter transformador e revolucionário, é usada no sentido de desvelar o mundo, isto é, de propiciar a interação do homem com a realidade natural e social.

Neste sentido, verificamos que toda linguagem, ou melhor dizendo todo discurso, toda palavra deve ser vista como “um ato social, com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relação de poder, constituição de identidade, etc.” (Orlandi, 1988: 34). Sendo assim, percebemos ser de extrema importância a análise dos textos escolares, visto que estes exercem grande influência na formação do pequeno leitor.

Orlandi ainda acrescenta que:

Não importa a extensão do texto: pode ser uma palavra, um sintagma, um conjunto de frases, o que importa é que funciona como uma unidade de significação. (1988:41)

Portanto, capaz de moldar os alunos, transformando-os em indivíduos alienados diante a sociedade em que vivem ou de transformá-los em cidadãos conscientes do seu papel social.

Nesta mesma linha de pensamento, podemos perceber que a relação texto-leitor pode ser orientada de três formas: **autoritária, polêmica e lúdica**¹⁰. A forma autoritária é a que tende para a paráfrase, onde o objeto do discurso fica dominado pelo próprio dizer. A polêmica, é a que apresenta equilíbrio tenso entre a polissemia e a paráfrase, onde o objeto do discurso não está obscurecido pelo dizer, mas é direcionado pela disputa entre os interlocutores. A lúdica, é aquela que tende a total polissemia, onde o objeto do discurso se mantém como tal.

Infelizmente, o que verificamos, a partir da análise dos textos contida nos livros didáticos selecionados, é que na prática escolar, o discurso autoritário é dominante. Esta relação texto-leitor, transforma o texto em repassador de informações e o aluno em mero leitor e copista das idéias do autor, ocorrendo o que Orlandi denomina de *reducionismo linguístico*, onde “a leitura passa a ser entendida como decodificação. O texto tem um sentido e o aluno deve aprender esse sentido.”(1988:59) É o que podemos perceber nos textos *Com a Palavra o seu Livro* (Porta de Papel) e *Menina Bonita do Laço de Fita* (Festa das Palavras) em anexo¹.

¹⁰ Para maiores esclarecimentos ler *Discurso e Leitura* de Eni P. Orlandi (1988).

Os mesmos argumentos podemos verificar nos exercícios de interpretação de texto encontrados nos livros didáticos como, por exemplo:

Marque a resposta certa:

a- O texto fala sobre

() Cuidados que você deve ter com os seus brinquedos.

() Cuidados que você deve ter com suas roupas.

() Cuidados que você deve ter com seu livro.

b- No texto, quem ensina as lições é

() a professora

() o livro

() o aluno

(Porta de Papel, 1988: 08)

1- Qual é o nome da menina de fitinha amarela ?

2- Vamos escrever como Ariela é? Complete as frases de acordo com a sequência.

a)- Ariela é uma menina bem _____.

b) Ela tem cabelos _____.

c) Seus cabelos são _____.

(Festa das Palavras, 1992: 21)

A intenção desses livros é a de transformar o ato de ler/interpretar em um processo puramente mecânico e reprodutor, pois se limitam a dar respostas pré-determinadas pelo autor, onde o aluno não tem um mínimo de liberdade de expor experiências reais vividas por ele.

Na escola, [a colocação das] leituras previstas (possíveis e/ou razoáveis) por um texto que escamoteiam, em geral, o fato de que se dá uma leitura prevista para ele, como se o texto, por si, a suscitasse inteiramente. Exclui-se, dessa forma, qualquer relação do texto, e do leitor com o contexto histórico, social, cultural, ideológico.”(Orlandi, 1988:67)

Na verdade, estas leituras/interpretação previstas nos livros didáticos são “artificiais na abordagem da vida e se inserem numa proposta de imbecilização-idiotização dos alunos” (Nova Escola, 1994:25), transformando o texto em algo sem significado para a criança.

Neste sentido, cria-se uma falsa idéia de que está incentivando o hábito da leitura. Entretanto, esquecem-se que os textos encontrados nos livros didáticos são transformados em peças de *quebra-cabeças* que o aluno supostamente capacitado deve montar. Isto ocorre, como vimos, devido a utilização fragmentada de textos retirados de livros de literatura infantil.

Conseqüentemente, este tipo de leitura distancia-se das necessidades e interesses dos alunos, pois perde completamente o elo de ligação entre a criança e as suas necessidades imediatas, ou seja, o texto passa a não ter significado para ele.

Vejamos como isso ocorre nos textos encontrados no livro *Alegria de Saber* (Passos, 1995):

O Gato Guto e o Pato Pito

O Gato Guto mora na casa da Rosa.

O Gato Guto toma leite no prato.

O Pato Pipo mora na casa do Tito.

O Pato Pipo come bolo de fubá.

O Pato Pito come bolo de fubá.

Pato Pito pisa no leite do gato.

Derrama todo o leite do prato.

Gato Guto pula no boio do pato.

Gato Guto berra:

- Miau, miau!

Pato Pito grita:

- Quá, quá, quá!

(História retirada do livro O Gato Guto e o Pato Pito de Lúcia P. Góes)

E no texto :

O Pote de Melado

O gato falou:

-Vem, rato.

O rato falou:

-Vem pato.

O gato falou:

-Vamos comer melado.

- A vovó vem aí! - Falou o pato.

E o gato pulou na lata, o rato pulou no bule, o pato pulou na panela.

(História retirada do Livro O Pote de Melado de Mary e Eliardo)

De acordo com os exemplos supracitados, verificamos que a utilização da visão autoritária de leitura não respeita a bagagem cultural da criança, pois impõe uma forma homogênea onde todos devem ler como a classe média lê.

Neste sentido, tanto a leitura quanto o ensino de língua devem retratar um modelo estabelecido como padrão a ser seguido por toda a sociedade, pois acrescenta Soares (1987:41):

Do ponto de vista lingüístico, ou sociolingüístico, o conceito de deficiência lingüística resulta de um preconceito próprio das sociedades estratificadas em classes, segundo o qual é superior, melhor o dialeto das classes socialmente privilegiadas; na verdade, essa superioridade não se deve a razões lingüísticas, ou a propriedades inerentes a este dialeto, mas a razões sociais: o prestígio de que estas classes gozam, na estrutura social, é estendido a todos os seus comportamentos, sobretudo o seu dialeto.

Sendo assim, percebemos que os textos utilizados nos livros didáticos, ao contrário do que parecem, transformam o ato de ler em algo artificial, ilógico e incoerente para o aluno, afastando-o cada vez mais do lado prazeroso da leitura - o de interação com a realidade e com o mundo que o cerca.

Nesta mesma linha de pensamento, verificamos que esta imposição do que é considerado correto (saber escolar) e o que é errado (saber do aluno) orienta-se a partir de interesses outros, delineados pela ideologia que subjaz nos livros didáticos. A ideologia, "além de promover a coesão dos homens na sociedade, independe da sorte de cada um, ainda é utilizada para que os ho-

mens suportem o estado que a divisão de classes lhes designam, ou seja, a função de coesão da ideologia é, assim, um meio de manutenção da ordem social num dado momento do desenvolvimento da sociedade".(Limoeiro, 1989: 33)

Portanto o livro didático [e principalmente o texto] não funciona em sala de aula como instrumento auxiliar para conduzir o processo de ensino e [construção] do conhecimento, mas como o modelo padrão, a autoridade absoluta a critério último de verdade. O conteúdo ideológico do livro é absorvido pelo professor e repassado ao aluno de forma acrítica e distanciada. (Freitag, Costa e Motta, 1989:11)

Nesse sentido, o texto passa a ser utilizado como pretexto para ensinar as regras gramaticais, abolindo toda e qualquer concepção de leitura que valorize a autêntica e livre expressão das crianças. Como podemos perceber no texto *Menina Bonita do Laço de Fita*¹¹, onde a gramática é trabalhada da seguinte forma:

GRAMÁTICA

LEIA :	SINGULAR	PLURAL
	a menina	as meninas
	a fita	as fitas

(Porta de Papel, 1992: 57)

¹¹ Em anexo!

E no texto, *E Com a Palavra, seu livro* (Porta de Papel, 1992):

GRAMÁTICA

LEIA:

LIVRO

- * Para escrever a palavra livro, usamos cinco letras.
- * As letras formam o alfabeto.
- * O nosso alfabeto possui vinte e três letras.
- * Cinco vogais: a e i o u
- * Dezoito consoantes: b c d f g h l m n p q r s t v x z

(Porta de Papel, 1992: 09)

Na verdade, percebemos que os textos são utilizados apenas como *muletas* para ensinar a gramática normativa da língua, criando entre o aluno e a leitura um grande abismo, pois transforma o ensino do Português em algo inerente à própria comunicação dos falantes. No texto *Menina Bonita do Laço de Fita*, verificamos que o autor apenas se utiliza do texto para extrair algumas palavras que farão parte da explicação do conteúdo (neste caso específico - o número). No decorrer dos exercícios, não encontramos mais nenhuma participação do texto.

Sendo assim, observamos que os textos encontrados nos livros didáticos são trabalhados apenas de duas formas: a primeira, como interpretação ou compreensão do texto, onde o aluno não tem a oportunidade de interagir com o mesmo, pois as perguntas se limitam a desenvolver na criança a mera descrição das idéias do autor. A segunda, como pretexto para ensinar os conhe-

cimentos lingüísticos, fazendo com que o aluno aprenda regrinhas soltas que descaracterizam completamente a função social da linguagem.

Como afirma Malheiros na revista Nova Escola (1994: 25):

Os textos são pretextos para ensinar letras e sílabas, não tem nexos nem coerência, são uma prosa caricata do cotidiano, onde não estão nem na variedade padrão nem na coloquial, mas em uma linguagem infantilizada, longe da utilizada na sociedade. (Nova Escola, 1994:25)

No Paradidático, contrariamente ao Didático, percebemos que o texto está presente em todo momento e torna-se o centro da aprendizagem, transformando os conhecimentos lingüísticos em algo natural e simples visto que são trabalhados de forma a que o aluno possa descobri-los (ou seja construí-los) através de conversas e brincadeiras.

Na verdade, o que se procura com este tipo de livro é levar em consideração o conhecimento do aluno, na medida em que falam a língua desde pequenos, mas também complementar esse conhecimento com um uso mais estruturado. Mas como isto pode ocorrer? Nada melhor do que dar oportunidades ao aluno de ter contato e debater continuamente diversos tipos de livros. Sendo assim, através deste convívio, a criança internalizará as regras de sua língua, ou seja, se aproximará da língua considerada de prestígio (padrão) em sua sociedade.

De acordo com Geraldi (Nova Escola, 1994:10):

Há três tópicos fundamentais: levar em consideração a variedade lingüística do meio dos alunos, a partir da variedade focar metodologicamente o ensino gramatical em cima da escrita do aluno - uma primeira versão do texto, e versões e mais versões até chegar a um texto publicável; terceiro, que me parece fundamental é fazer os alunos conviverem com a literatura, pois a partir da leitura cria-se uma discussão sobre literatura e desperta-se o interesse por ela.

Neste sentido, o texto torna-se imprescindível para que o aluno construa os conhecimentos lingüísticos através da própria descoberta de uma nova variedade de sua língua - a padrão.

Para Campedelli (1995: 02):

Os Paradidáticos de Português podem ser utilizados pelo professor para discussão de conceitos elaborados a partir de uma metodologia problematizadora. Dependendo da dinâmica de sala de aula, o paradidático pode servir como texto de leitura em classe, objetivando informar, levantando dúvidas e interrogações, debatendo-as posteriormente, provocando, assim, uma participação ativa dos alunos. Nessa oportunidade o professor coordena e sistematiza o conhecimento, fruto desta dinâmica, encaminhando o processo de aprendizagem.

A partir da análise da *Coleção Festa do Livro* onde encontramos os títulos: *A Festa da Paca, A Escola da Pata, Sinhaninha a Tontinha, Chiquita e Chuchu na Chácara, Bruxinhas e Bruxarias, Medinho e o Medão e O Espantalho*, verificamos que estes apresentam uma proposta que objetiva promover a interdisciplinaridade, relacionando a ortografia às diferentes áreas do conhecimento, como Educação Artística, Ciências e Programas de Saúde, Estudos Sociais entre outros.

Isso é passível de perceber no livro *O Espantalho*, onde ele além de explorar o dígrafo *LH*, destaca o trabalho no campo, principalmente o da mulher lavradora. Possibilita também a conversa e discussões a respeito do cultivo de hortaliças, dos cuidados higiênicos no preparo dos alimentos e do seu valor nutritivo. Neste texto, une-se os conhecimentos da área de língua portuguesa, de ciências e de saúde, dando ao ensino uma visão integrada.

Em cada um dos sete títulos desta coleção a criança se depara com as dificuldades ortográficas mais comuns na fase inicial da escrita, de forma lúdica, tomando o aprendizado diferente e muito mais estimulante.

Nesta Coleção, as histórias são contadas em versos, com rimas sonoras e gostosas de ler e ouvir. As palavras e os fonemas, tratados de forma lúdica, tomam a linguagem uma alegre brincadeira de sons e letras.

É o que podemos ver no texto *Bruxinhas e Bruxarias*:

(...) - Inventei uma caixinha
que toca xaxado e rumba,
e elixir de mexerica
para a cura da caxumba!(...)

Xexelenta aproveita
para entrar no barracão
Acha uma caixa com faxa
A bruxa dá um puxão.

E no texto *Sinhaninha a Tontinha* :

-Aí, aí! Tome juízo, ó Sinhaninha!
E de hoje em diante, ande na linha.
Então a Sinhaninha anda mesmo na linha
Mas é na linha do piso da cozinha!

Nos Paradidáticos, a criança além de ler, cria, dramatiza, canta e recita, como vemos no livro *Medinho Medão* onde o texto baseia-se em uma narrativa do folclore brasileiro, explorando as palavras terminadas em *ÃO*. O texto é formado por versos de sete sílabas. A cadência dos versos e a sonoridade das rimas resgatam o prazer da leitura oral e do coro falado. Vejamos abaixo como isto ocorre:

O Medinho e o Medão
é uma história de emoção.
Eu não sei quem me contou
a gente ouve e repete,
sem saber quem inventou.
Veja só estas imagens
são estes os dois personagens:
João Romão, o figurão!
E o Tião o Trapalhão.

Em todos os livros há indagações e sugestões a serem trabalhadas com os alunos. É nesta etapa, que o professor, comprometido com uma visão crítica de educação, propiciará a interação do aluno com o texto. Entretanto, as perguntas (no caso de interpretação de texto) são feitas com intuito de levantar questionamentos que levam em consideração a opinião do aluno, possibilitando então a instauração do leitor-sujeito que não aceita mais reproduzir um modelo

de leitura. Veja como isto ocorre no texto *Medinho e Medão*:

- * Qual dos dois personagens lhe parece mais simpático? Por quê?
- * O que você vê na vila? Uma vila é diferente de uma cidade? Por quê?
- * Se você pudesse entrar na história, o que diria ao povo da vila?
- * O que você pensa de João Romão? E de Tião?
- * Que conselho você daria ao João Romão, para ele se livrar do fantasma?

Verificamos que a todo momento se prioriza a opinião do aluno, fazendo-o refletir sobre o texto, pois a interação do texto-leitor é de fundamental importância para que o aluno aprenda a *ler o mundo e ler palavra*, abolindo de vez qualquer concepção de leitura que a entenda somente como mera decodificação. É necessário que o aluno leia as subjetividades do texto, “levando-se em consideração as histórias da sua leitura; na forma de interação que o leitor estabelece, no processo de leitura”. (Orlandi, 1988:33)

Acrescenta ainda Orlandi que:

[É necessário que] o professor modifique as condições da leitura do aluno de um lado, propiciando-lhe que construa sua história de leituras; de outro, estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto.

Em outras palavras, é inegável que ainda utilizemos concepções de leitura que tomem o aluno passivo e nulo diante dos acontecimentos que giram ao seu redor, pois “se um texto, quando trabalhado não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto (isto é, para a intencionalidade social que determinou o objeto, o conteúdo e o modo de construção do texto), e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa, então a leitura [o texto] perde a sua validade”. (Silva, 1988:49)

Neste sentido, no Paradidático, os textos podem ser escolhidos de acordo com os interesses e necessidades da classe, visto que “o livro deve responder às necessidades objetivas do aluno, de tal modo que sejam veículo efetivo da vida cultural, um veículo dinâmico, moderno”. (Campedelli, 1995:03)

Nesta mesma linha de pensamento, verificamos que o ensino de língua orientado pela leitura de livros paradidáticos, deve então ser trabalhado no sentido de proporcionar condições para que os seus alunos conheçam e recriem os conhecimentos através da pesquisa, lançando desafios de criação ou produção dos conhecimentos que ainda não existem.

Sendo assim, acrescenta Silva (1993:04):

Cria-se um estado de curiosidade e de busca, indicando um movimento dos sujeitos (envolvidos nestes processos) de um lugar para o outro, procurando compreender e conhecer a razão de ser das coisas. [Transformando o ato de ler em] um compreender da realidade e situar-se na vida social.

Neste sentido, observamos que os textos encontrados nos livros didáticos preocupam-se muito mais em moldar e enquadrar o aluno em um modelo de leitura estabelecido socialmente, do que fazê-lo refletir para que possa romper com a sua condição de objeto. Conseqüentemente, os textos não contribuem para a construção dos conhecimentos lingüísticos, pois “não existe a posse, apreensão, compreensão [e construção] de idéias mas a mera reprodução alienada de palavras ou trechos veiculados pelo autor do texto.”(Silva, 1988: 67)

Isto ocorre porque “os livros e manuais didáticos, salvo raríssimas exceções, não dizem claramente o que pretendem com os textos ou unidades de leitura. Quando o fazem, apresentam finalidades reducionistas do tipo extrair a idéia central do texto, aumentar o vocabulário, ler com desenvoltura, elaborar ficha de leitura, etc.” (Silva, 1988:65)

Em contrapartida, o paradidático preocupa-se em ver o ato de ler como algo desvelador, ou seja, “atribuindo a leitura a idéia de conhecimento, aprimoramento pessoal, alargamento e adensamento de experiências, refinamento da compreensão, inteligência do mundo. [E mais ainda] curiosidade, imaginação, criatividade, fantasia, sentimento, invenção, sensibilidade.” (Silva,1988:71)

Dai a necessidade de utilizar nos meios escolares textos infantis, pois orientados por uma concepção de leitura que a entenda como um processo incessante de produção de saber, de liberdade e de criação, responsável pela ampliação do aluno-sujeito em aluno-cidadão.

3.1.2 Livros Didáticos, Paradidáticos e os Exercícios

Os exercícios, uma das formas mais tradicionais de aperfeiçoamento e fixação dos conteúdos programáticos, podem ser entendidos de duas formas distintas. A primeira, de caráter tradicional e arbitrário é vista como adestramento, ou seja, adestrar-se por meio de estudo. A segunda, de caráter transformador e libertador, é vista como exercer, professar, praticar, ou seja, por emoção, exercitando para isso o dom natural intrínseco no indivíduo.

Neste sentido, verificamos que os livros didáticos desenvolvem atividades que priorizam o estudo mecânico e reprodutivo, o que nos faz crer que se assemelham a concepção de exercício tradicional e arbitrário. Sendo assim, estes livros baseiam-se na cópia e na transcrição de regras e normas, que na sua grande maioria dificultam a compreensão do significado da escrita para a criança.

Acrescenta Freinnet (em Santos, 1992:165) que:

Estudam-se as regras, escreve-se como indicam os manuais. E quando, depois de ter estudado bastante, se tiver o direito de escrever, o charme terá desaparecido. Só se sabe papaguear. O aluno que antes era curioso e observador já não tem idéias.

Sendo assim, os conhecimentos passam a ser transmitidos transformando o aluno em um recipiente vazio, passível de decorar e aceitar os conteúdos gramaticais sem entendê-los como integrantes de sua própria língua.

“Assim, o que a escola ensina é visto pelo aluno como coisa do outro mundo, e a Língua Portuguesa é encarada como a língua do outro”. (Geraldi, 1994:18)

Isto pode ser observado nos exercícios retirados do livro *Festa da Palavra* (1992:50), onde a criança deve fazer os exercícios tal qual se encontra no modelo.

Faça o exercício como o modelo:

a) A ratinha roda na roda.

A ratinha roda na roda?

Não, ela não roda na roda.

b) Marcos ganhou um brinquedo.

c) Renata gosta de pirulito.

Escreva as palavras no diminutivo:

O masculino termina em O e o feminino em A:

Ex.: gata gatinha

coruja.....

tijolo.....

garfo.....

pata.....

bruxa.....

sapato.....

E no livro *Porta de Papel* (1992:36)

Palavras com R final e R antes de consoante

1. Leia e copie

árvore	ar	er	ir	or	ur
...

2. Palavras com L antes de consoantes e L final

Alda	al	el	il	ol	ul
...

Verificamos que estes exercícios transformam o conhecimento linguístico em algo pronto, fechado em seu saber, na medida em que desenvolvem no aluno a idéia de que somente está correto o que está no livro. Na verdade, o conteúdo é transmitido de forma fragmentada, impossibilitando o aluno de entender a língua como meio de comunicação e interação com o mundo.

Infelizmente, constatamos que o ensino de língua materna, principalmente orientado pelos livros didáticos, parte do pressuposto que para o aluno se expressar adequadamente por meio da Língua Portuguesa ele precisa, antes de tudo, de conhecer as regras gramaticais.

Neste caso, ocorre a supremacia atribuída ao domínio de regras gramaticais e a destinação da maior parte do tempo dos cursos de Português às explicações feitas pelo professor a respeito dos diferentes itens da gramática e à realização de grande número de exercícios mecânicos para repetição e fixação das regras e noções gramaticais. Na verdade, o aluno inexistente nas aulas de Português, pois estas são transformadas em não significativas para o aluno e, portanto, estérteis, sem vida.

Entretanto, observamos que os conhecimentos lingüísticos pelo estudo de regras e leis não é o suficiente, como às vezes nos faz crer o livro didático. O que importa é a experiência, pois "é necessário que se permita que cada criança faça sua própria análise do mundo. Esta atitude particular que desenvolve pouco a pouco é uma aptidão para manipular, experimentar, observar, relacionar, emitir hipóteses, verificá-las, aplicar leis e códigos, compreender informações cada vez mais complexas". (Freitag, em Santos, 1992:167)

Neste sentido, os Paradidáticos, contrariamente aos Didáticos, podem ser utilizados de forma a incentivar a interação do aluno com os conhecimentos lingüísticos. A criança passa a vivenciar, sentir e perceber as diferentes funções sociais da língua por meio da leitura de textos literários.

É nesse contexto que se garante o espaço, o estímulo e a oportunidade para que cada aluno, de acordo com seu ritmo, à sua maneira, por meio das mais diferentes formas, construa os conhecimentos lingüísticos, transformando a língua em instrumento de reflexão e mudança.

Na verdade, os livros Paradidáticos não apresentam exercícios prontos; eles, por serem livros flexíveis quanto a organização dos conteúdos, apresentam sugestões para o professor aplicar os conhecimentos de forma mais conveniente para sua turma. Como podemos ver no livro *O Espantalho* onde a

autora indaga: “você é capaz de dizer nome de hortaliças que não tenham LH na escrita?”.

O Livro Paradidático nos propicia trabalhar de diversas formas com os alunos, principalmente, porque “objetivam informar, levantar dúvidas e interrogações, debatendo-as, posteriormente, provocando, assim, uma participação ativa dos alunos. O professor passa então a ser visto como coordenador e sistematizador do movimento, encaminhando através desta dinâmica o processo de aprendizagem. (Campedelli, 1995:02)

Outra dinâmica possível é a pesquisa, viabilizando o aprofundamento dos conteúdos trabalhados em aula, onde aparecerão novas questões a serem colocadas aos alunos, propiciando o ir e vir de descobertas e redescobertas, ou seja, a construção dos conhecimentos por parte da criança.

Isto pode ser visto no Guia de Leitura e Atividade da Coleção Festa do Livro onde ele sugere:

* Formação de anagramas:

pata - tapa

mico - comi

bola - loba

lago - gola

lama - mala

vaso - sova

alma

*** Construção de acrósticos:**

R abugento

O tário

M au

louc A o

b O bo

Desta forma, verificamos que os Paradidáticos orientam-se no sentido de propiciar ao aluno o contato com a sua língua em funcionamento, ou seja, "levá-lo à prática, situações a serem concretamente vivenciadas ludicamente de modo que o valor da leitura venha a ser paulatinamente sedimentado na vida dos educandos". (Silva, 1988:23)

Portanto, os conhecimentos lingüísticos não mais serão transmitidos através de exercícios e atividades mecânicas e alienadoras, como pregam os livros didáticos, mas sim através da interação com textos de qualidade onde estes conhecimentos serão colocados em prática, pois "o que importa é a prática das regras e não o seu conhecimento teórico". (Delfolie, em Santos, 1992:170)

3.1.3 - Livros Didáticos, Paradidáticos e a Estrutura.

A estrutura de um livro, responsável pela distribuição e harmonia das partes que a compõem, são de extrema importância para a análise dos Livros Didáticos e Paradidáticos.

Para compor estes livros pode-se usar dos tipos de estrutura. Uma linear e hierarquizada que privilegia a transmissão dos conhecimentos, tornando

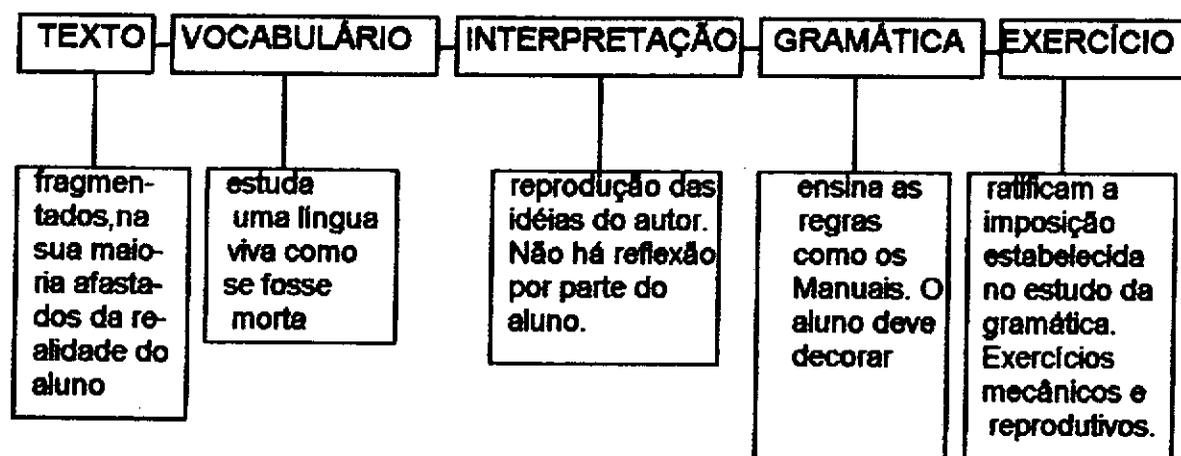
os livros inflexíveis quanto a organização dos conteúdos. E outra, aberta e interativa, que privilegia a construção dos conhecimentos, tornando os livros flexíveis quanto a organização dos conhecimentos.

A primeira, encontrada nos didáticos, transforma-os em verdadeiras fontes do saber, onde “a única voz autorizada a falar, a afirmar, é aquela contida nos livros.” (Silva, 1988:05)

Tal fato ocorre por ter o Livro Didático uma estrutura orientada no sentido de transmitir mais conhecimento em curto espaço de tempo, desprezando as condições de produção da leitura por parte dos alunos (tempo, acesso aos textos, habilidades adquiridas, etc.), propondo uma verdadeira enxurrada de conteúdos para encaminhamento das aulas.

“Privilegia-se o consumo rápido dos textos, não sobra tempo para a discussão das idéias, para a exposição das interpretações individuais e para a partilha das experiências geradas pela incursão nos textos”. (Silva, 1988:05)

A estrutura dos Livros Didáticos seguem geralmente uma norma, um padrão estabelecido. Veja abaixo:



Em anexo² se encontra o capítulo nº 2 do livro *Porta de Papel*, e o capítulo nº 3 de *Alegria de Saber*, onde podemos perceber que os livros utilizam a mesma ordenação dos pontos a serem trabalhados. A única alteração ocorre quanto à localização da ortografia, ora inserida na gramática, ora como um ponto isolado.

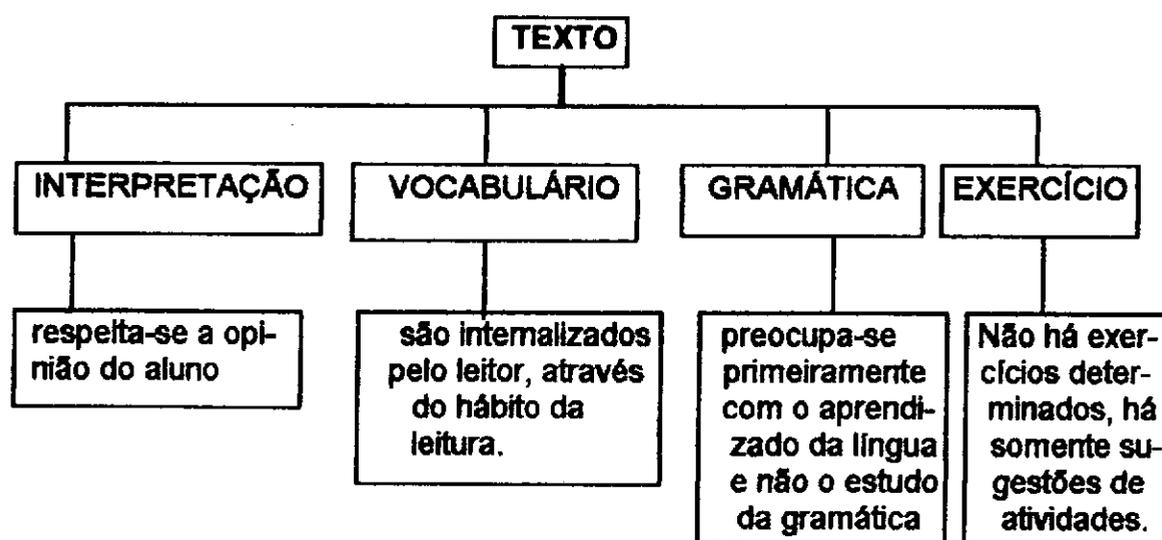
Neste sentido, os Didáticos apresentam uma certa inflexibilidade quanto à organização dos conteúdos programáticos, apresentando-os linearmente. Essas características tornam estes livros dissociados das necessidades da classe, visto que limitam o trabalho docente, desenvolvendo, então, um ensino de língua orientado apenas para o encadeamento de atividades que priorizam o teorismo gramatical.

Entretanto, esqueceram-se de que o objetivo mais geral do ensino do português deve ser almejado no sentido de mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular, o Português; quais os usos que tem, e como os alunos devem fazer para entenderem ao máximo, ou abrangendo metas específicas, esses usos nas suas modalidades escrita e oral, em diferentes situações de vida. "Em outras palavras, o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos nas mais variadas situações de suas vidas". (Santos, 1993: 83)

Sendo assim, o ensino de língua, de acordo com esta visão, necessita também de livros que apresentem uma nova estrutura para que essa concepção de linguagem seja desenvolvida. Neste sentido, encontramos nos Paradidáticos uma nova maneira de ensinar os conhecimentos lingüísticos, pois na forma e no conteúdo são mais dinâmicos, proporcionando uma melhor interação entre o aluno e o texto.

E é a partir dessa interação que este livro busca levar o aluno a descobrir e construir seu próprio conhecimento, ou seja, procura tornar instigante a apreensão e a recriação do conhecimento. Isto ocorre por ser o Paradidático flexível quanto a organização dos conteúdos programáticos facilitando o trabalho docente, visto que este pode utilizá-lo do modo mais adequado a sua turma.

Sendo assim, podemos perceber que a estrutura dos paradidáticos transformam-os e um instrumento a ser utilizado de acordo com os interesses e necessidades dos alunos. Nesse sentido, torna-se impossível a sua descrição como fizemos com os livros didáticos. O que verificamos é que todos os pontos trabalhados partem da exploração do texto onde o aluno investiga, pesquisa e cria o seu conhecimento. Veja abaixo:



Nesse sentido, verificamos que torna-se impossível a hierarquização de seus conteúdos, pois caracterizam-se por serem livros versáteis e flexíveis, propiciando a interação leitor texto utilizando-se para isso de estratégias que levem o aluno a investigar e a pesquisar os mistérios de sua língua. E nada melhor para isso do que implantar o hábito da leitura.

Na verdade, observamos que os livros paradidáticos orientam-se primordialmente por três pontos de igual importância: a leitura, a pesquisa e a criação, pois é a partir desses três elementos associados que se poderá desenvolver no aluno a sua capacidade de elaboração e construção dos conhecimentos lingüísticos.

Para Demo (1990:77) "desde a pré-escola, entre crianças que apenas brincam, ou na criança que abre os olhos para a vida ao nascer, é possível visualizar atitude de pesquisa e fomentá-la via processo educativo, como postura de questionamento criativo, desafio de inventar soluções próprias, descoberta e criação de relacionamentos alternativos, sobretudo motivação emancipatória a partir de um sujeito que se recusa ser tratado como objeto".

A partir do quadro abaixo, poderemos perceber a relação existente entre os Livros Didáticos, Paradidáticos e a construção ou transmissão dos conteúdos:

DIDÁTICOS**PARADIDÁTICOS**

Conservador e tradicional	Criativo e lúdico
Textos fragmentados sem significação para o aluno	Textos com significação para o aluno
Limitam o trabalho do professor	Instrumental e versátil, possibilitando ao professor utilizá-lo de modo mais pertinente às suas classes.
Exercícios mecanicistas que buscam transmitir os conhecimentos.	Exercícios que buscam a reflexão e a construção dos conhecimentos.
Fechado em seu próprio universo (saber fechado)	Interage com outros livros. Interdisciplinar (saber aberto).
Inflexível quanto a organização dos conteúdos programáticos (conteúdo linear, hierarquizado).	Flexível quanto a organização dos conteúdos programáticos (conteúdo flexível)

Portanto, verificamos que, tradicionalmente, os didáticos fundamentam-se em modelos que priorizam um ensino de língua voltado para mera reprodução dos conteúdos sem que o aluno tome sujeito no processo ensino aprendizagem. Contrariamente, os Paradidáticos buscam dar uma nova visão ao ensino de língua, onde o aluno passa a ser visto como agente participativo na construção dos conhecimentos lingüísticos, e conseqüentemente, críticos. Sendo assim, o aluno, apropria-se da língua como forma de instrumentalização para que ele se torne sujeito-leitor e sujeito-cidadão.

Vejamos no próximo capítulo como os livros Didáticos e Paradidáticos orientam-se no sentido de desenvolver no aluno além da construção dos conhecimentos lingüísticos, a construção de uma consciência emancipadora que vise a formação para a cidadania.

CAPÍTULO IV

Livros Didáticos, Paradidáticos, Leitura e Ensino de Língua - Educação para a cidadania?

Cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos do atendimento as necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel dos homens no Universo.

Covre (1989 : 37)

As conclusões a que chegamos, a partir do confronto estabelecido no capítulo anterior entre os livros didáticos, paradidáticos e ensino de língua, nos despertou grande interesse sobre uma questão de extrema importância para a educação brasileira : a formação para a cidadania.

Conseqüentemente, abordaremos a seguir as possíveis contribuições dos livros para a implantação de uma prática educativa que vise transformar nossos alunos em indivíduos conscientes de seu papel na sociedade, ou seja, sujeitos-cidadãos que não aceitam mais a sua condição de *objeto de manobra* nas mãos da classe hegemonicamente consolidada no poder.

Percebemos que, em nossa sociedade, onde as desigualdades sociais são marcantes, é extremamente delicado falar em cidadania. Que cida-

dania é esta que prega igualdade entre os homens? Que diz ser direito do indivíduo a Educação, a Saúde, a Habitação, o Lazer? E mais ainda, que afirma ter o homem direito a uma vida digna sem, no entanto colocar em prática estes mesmos princípios?

Legalmente, o homem tem três direitos a serem respeitados. O primeiro, civil, diz respeito ao direito de se dispor do próprio corpo, locomoção, segurança, etc. O segundo, político, diz respeito a deliberação do homem sobre sua vida, ao direito de ter livre expressão de pensamento e prática política, religiosa e etc. O terceiro e último, social, diz respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas. São todos aqueles que devem repor a força de trabalho, sustentando o corpo humano tais como alimentação, saúde, educação e etc. (Covre, 1991 :11)

Nesse sentido, há muito para se questionar antes de se afirmar que esses direitos são efetivamente respeitados. Infelizmente, o que verificamos é que, na prática, os direitos e deveres dos cidadãos não são aplicados igualmente entre os homens, pois em nosso país somente é cidadão aquele que detém o poder sócio-político-econômico.

Isto ocorre por ser a sociedade brasileira nascida no seio de um sistema capitalista orientado pelo pensamento liberal onde incentiva-se a lei dos mais aptos e da competição, contribuindo para a exploração de grupos de homens por outros. Neste sentido, a concepção de cidadania passa a desempenhar, também, a função de manter essa desigualdade.

A Cidadania passa então a ser muito mais *contra o povo* do que *para o povo*, visto que ela é orientada apenas para legitimar as desigualdades sociais, visando somente aos interesses de uma pequena minoria privilegiada.

Segundo Demo(1990:53):

O teor de cidadania é visível na habilidade com que cada sociedade maneja, administra a desigualdade social, e nisto ele é mais ou menos cidadã.

Na verdade, a desigualdade está presente em todas as esfera de nossa sociedade, pois desigual não é somente quem não tem, mas quem também não é, ou não sabe.

E sendo a educação uma das mais fortes aliadas para *manter* ou *romper* com as desigualdades sociais será ela também responsável pelas desigualdades do saber (conhecimento), visto que cria-se uma atmosfera seletiva, reduzindo a oportunidade de ascensão às classes hierarquicamente desprivilegiadas.

Serra acrescenta que (1995:81):

[Isto ocorre por ser a educação brasileira] caracterizada por sistemas escolares fechados, discriminadores e seletivos, [pois] a escola, em geral, não respeita as individualidades e tampouco incentivam a solidariedade. Ela define o modelo de cidadão que deve ser atingido por todos que passam por elas. Aqueles que não se enquadram no modelo (...) muitas vezes são expulsos pelo sistema.

Em outras palavras, percebemos que esta concepção de cidadania difundida nos meios escolares orienta-se a partir dos interesses do pensamento capitalista, contribuindo para a propagação de visões de mundo ideológicas¹² que visam a estratificação social e a consolidação da sociedade liberal.

Sendo assim, a educação institucionalmente difundida e os elementos que a compõe (tais como diretores, professores, metodologias e técnicas empregadas, etc.) estariam também envolvidas no sentido de fortalecer e manter essa situação injusta.

É em contraposição a esta idéia que propomos uma concepção de cidadania que, aliada a uma prática democrática participativa e plena, busca através das visões sociais utópicas¹³ uma melhor distribuição de oportunidades e conseqüentemente dos conhecimentos historicamente produzidos (saberes), pois é a partir dessa distribuição de oportunidades e principalmente dos saberes que será possível a construção para a cidadania onde:

O homem contemporâneo rompa cotidianamente com as trevas da alienação (...). Isso se daria, a todo instante, nas relações diárias, criando relações que eliminem o homem "marcado" historicamente e apontem, dentro desse homem, o ser universal que possui. Trata-se de pensar sentir e agir no sentido de que a democracia se constrói a todo instante, nas relações sociais a que fazemos parte."

¹² O termo visões de mundo ideológicas originam-se do texto Ideologias e Ciências Sociais, onde ele afirma que as visões ideológicas são aquelas que servem para legitimar, justificar defender ou manter a ordem social.

¹³ Utilizo o referencial teórico de Michel Löwy (1988).

Dentro desta perspectiva, todo o ensino e principalmente o de língua passaria a ser visto pela ótica emancipadora, orientando-se para uma educação crítica e transformadora, ou seja, uma educação que busca uma concepção de cidadania no seu sentido mais amplo - a cidadania para emancipação e/ou cidadania plena.

Para Sibeneichler (em Demo, 1991:37):

“Uma sociedade emancipada seria aquela que, em maior grau possível, se capacita a dominar seu próprio processo de formação ou de desenvolvimento, manejando com competência condições objetivas (natureza, economia, tecnologia) e condições subjetivas (cidadania, organização, política e democracia)”.

Entretanto, Demo acrescenta ainda que:

“[A cidadania para emancipação] depende em primeiro lugar do próprio sujeito social ainda que não unicamente dele. Não existe emancipar, mas emancipar-se. É um processo de dentro para fora, como toda educação genuína.” (1991 :47)

Neste caso, verificamos a importância da educação para a formação do cidadão pleno, na medida em que ela é vista como agente propiciador de questionamentos e de instrumentalização para que o aluno tome-se um indivíduo emancipado, pois educar quer dizer *puxar de dentro*. Sendo assim, uma educação comprometida com estas questões, propiciará ao educando a transformação dos conhecimentos científicos em sabedoria contribuindo, então, para a construção da cidadania.

Portanto, uma escola direcionada neste sentido, não mais aceitará um ensino de língua que cerceia o aluno através da negação de sua classe social, sua cultura e sua linguagem. Conseqüentemente não mais aceitará também a utilização de materiais que inibam o seu pensamento e a sua criatividade.

Nesta mesma linha de pensamento, verificamos que o ensino de língua orientado pelos Livros Didáticos preocupa-se geralmente em moldar o aluno, dando-lhe uma *visão secundária, ocasional e superficial* do saber científico. Isto ocorre porque os Livros Didáticos desenvolvem estratégias de ensino que priorizam a mera transmissão dos conteúdos, sem que o aluno possa romper com a sua condição de objeto.

Neste sentido, este ensino em nada contribui para a formação de indivíduos críticos e atuantes diante a sociedade. Muito pelo contrário, transforma-os em não-sujeitos, incapazes de desenvolver ações sociais coletivas e conscientes, politicamente organizada.

Contrariamente a esta concepção de ensino de língua fundamentada pelos Livros Didáticos, os Paradidáticos objetivam resgatar no livro sua verdadeira função - a de informar sem massificar, de transmitir sem oprimir, ou seja, de estimular no aluno a criação do conhecimento através do lazer, do enri-

quecimento das ampliações de convívio social e de interação com o mundo.

Segundo Luft (1985:10):

"Somente a partir de um ensino libertador - a libertação pela palavra é que conseguiremos resgatar o prazer da aulas de língua materna [e conseqüentemente] o aluno liberto, e consciente de seus poderes de linguagem, poderá crescer, desenvolver o seu espírito crítico e expressar a sua criatividade."

Nesse caso, as aulas de Língua Portuguesa estariam voltadas para o tornar o aluno sujeito de sua aprendizagem, apropriando-se da língua como forma de expressão e comunicação com o mundo.

Entretanto, é necessário também que o professor tenha consciência do seu trabalho docente com as camadas populares, não se deixando levar somente pelas normas, regras, técnicas e sim utilizando-se delas para que o aluno se torne agente de sua própria transformação, ou seja, que ele se torne sujeito ativo na construção de seus conhecimentos lingüístico e crítico.

Por esta razão, apontamos o Livro Paradidático como uma nova alternativa de ensinar a Língua Portuguesa, visto que desenvolve no aluno o hábito de gosto pela leitura, ou seja, de democratização das oportunidades de ler e de escrever de forma prazerosa, dando uma nova visão às traumatizantes aulas de português.

Sendo assim, afirma Luft (1985:94) :

O aluno não precisa aprender a língua, precisa sim ampliar sua gramática implícita e interiorizada na sua primeira infância, com os elementos do modelo culto padrão. É preciso ao ler e escrever, ter contato com bons textos, e descobrir, como professor e toda a classe, as riquezas esprezadas de seu idioma."

Acrescenta ainda Serra que a aprendizagem da leitura deve ser considerada tema central na educação, pois "o ato de ler permite a circulação de modalidades de reflexão , de comunicação, de reflexões comuns,[proporcionando] o acesso a um espaço público, sendo, nesse sentido, o que torna possível o exercício da cidadania." (1995:106)

As conclusões a que chegamos nos certificam de que a importância da oralidade, leitura e da escrita suplanta as questões que giram em torno do ensinar ou não a gramática, na medida em que no Paradidático são trabalhadas associadamente a PESQUISA e CRIAÇÃO. Sendo assim, estes livros apresentam características necessárias ao exercício da cidadania, pois apresentam um compromisso com a transformação através do desenvolvimento de atividades nem sempre presentes em outros livros utilizados pelo cotidiano pedagógico.

Como afirma Campedelli (1995:02):

Os Livros Paradidáticos possuem material para pesquisa e leitura complementar, viabilizando o aprofundamento de temas trabalhados em sala(...) e é nesse ir e vir de descobertas e redescobertas que se garante o aprendizado.

É nesta mesma linha de pensamento que percebemos a necessidade de se romper com toda e qualquer visão que limite e castre o aluno, pois a construção do conhecimento se dá somente quando este participa ativamente deste processo envolvendo, para isso, *leitura, pesquisa e criação*.

Sendo assim, Freire(1990) afirma que:

É pelo jogo [de ir e vir que] o homem se transforma no ato mesmo de descobrir e redescobrir(...) aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida(...) o homem se cria, se realiza como sujeito, porque este ir e vir exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização e ação.

Para tanto, não basta uma boa fundamentação teórica, uma especialização no conteúdo e regras inerentes à Língua Portuguesa. É primordial que mudemos também nossa postura com relação ao homem e a sociedade, à linguagem e a aquisição do conhecimento. E é neste sentido que buscamos romper com as tradicionais aulas de língua portuguesa, levando em consideração o que as crianças sabem sobre a linguagem escrita antes de chegarem à escola.

Só assim, nos tornaremos agentes de nossa própria transformação, contribuindo para a formação do não-sujeito em sujeito-cidadão e, conse-

qüentemente para a construção de uma sociedade igualitária. Sociedade esta em que o trabalho coletivo consiga suprar o individualismo.

A nova sociedade, nas palavras de Freire e Macedo (em Braggio, 1992 : 75):

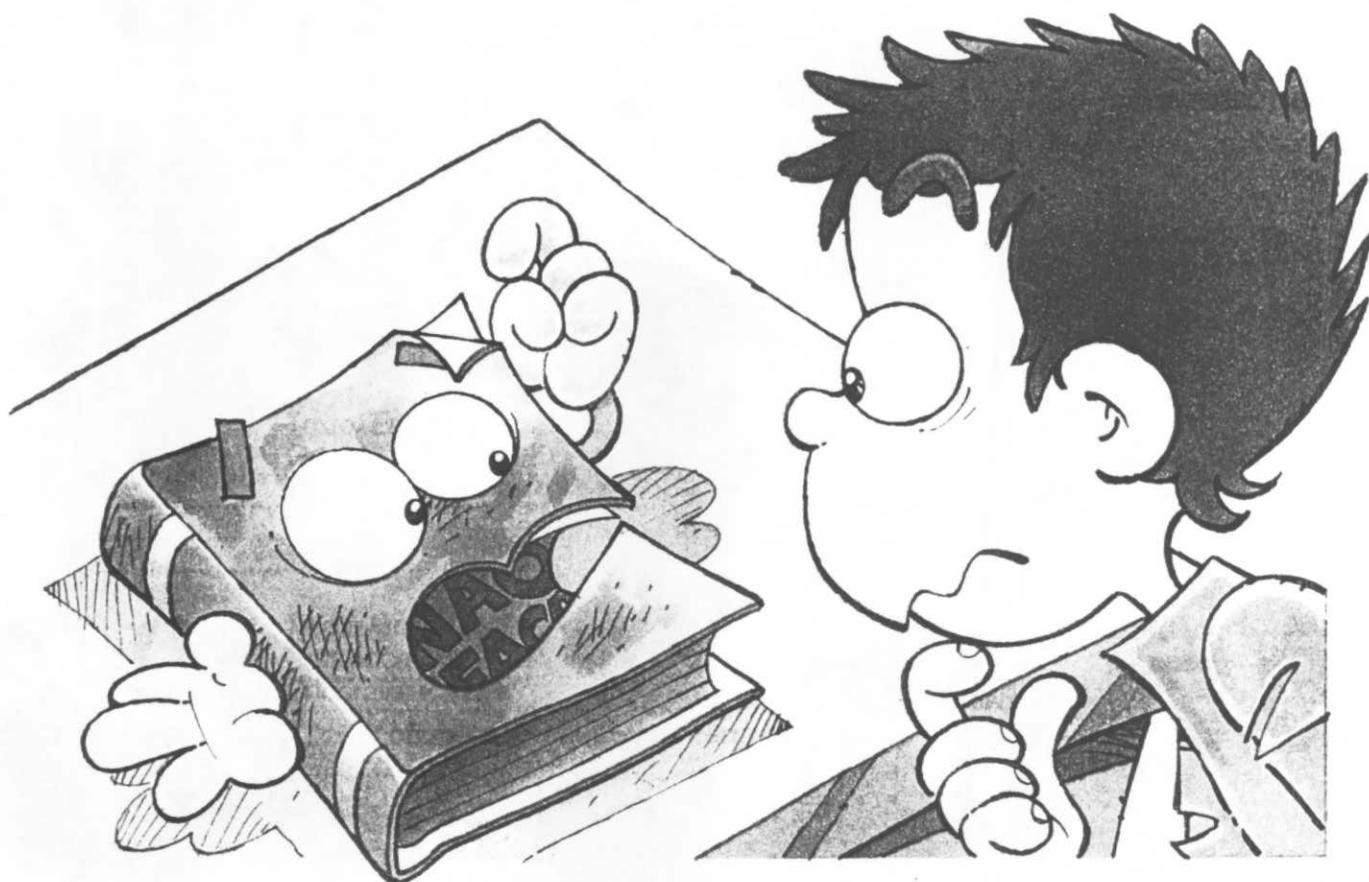
É uma sociedade na qual nenhum homem, nenhuma mulher, nenhum grupo de pessoas, nenhuma classe explore a força de trabalho dos outros. É uma sociedade na qual não há privilégios para aqueles que trabalham com a caneta e somente obrigações para aqueles que trabalham com sua mãos nas fazendas e nas fábricas [é uma sociedade onde] todos os trabalhadores devem servir ao bem estar de todos...

BIBLIOGRAFIA

- * BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- * COVRE, Maria de Lourdes Manzini. O que é Cidadania. SP, Brasiliense, 1991.
- * CHAUI, Marilena de Souza. O que é Ideologia. SP, Brasiliense, 1991.
- * SOARES, Magda. Linguagem e Escola - Uma perspectiva social. SP, Ática, 1987.
- * LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade; O Gigolô da Palavras - por uma concepção de língua moderna. RS, LPM, 1985.
- * LÖWY, Michael. Ideologias e Ciência Social. SP, Cortez, 1988.
- * SILVA, Ezequiel Theodoro. Elementos de Pedagogia da Leitura. SP, Martins Fontes, 1988.
- * CARDOSO, Miriam Limoeiro. A Ideologia como Problema Teórico in Ideologia do Desenvolvimento. RJ, Paz e Terras, 1978.
- * COELHO, Lígia Martha C. Costa. Sobre o Conceito de Cidadania uma Crítica a Marshall, uma atitude Antropofágica in Cidadania/Emancipação. RJ, Tempo Brasileiro.
- * COELHO, Lígia Martha C. Da Costa. E. D.: Da Compensação à Emancipação? Tese de Doutorado. RJ, UFRJ, 1994.
- * DEMO, Pedro. Cidadania e Emancipação in Cidadania/Emancipação. RJ, Tempo Brasileiro.
- * SANTOS, Maria Lúcia dos. A Expressão Livre no Aprendizado da Língua Portuguesa. RJ, Scipione, 1993.
- * MAGNANI, Maria do Rosário M. Leitura Literatura e Escola. - Sobre a formação do gosto. SP, Martins Fontes, 1989.
- * FREITAG, Barbara; COSTA, Wanderley F. Da e MOTTA, Valéria. O Livro Didático em Questão. SP, Cortez: Autores Associados, 1989.
- * FREIRE, Paulo e BETO, Frei. Essa Escola Chamada Vida. - SP, Ática, 1991.
- * BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura. Série Formação do Professor. SP, Cortez, 1992.
- * DOMO, Pedro. Pesquisa - Princípio Científico e Educativo. SP, Cortez, 1941.

- * CAMPEDELLI, Samira Youssef. O Professor e o Livro Paradidático. RJ, Scipioni, 1995.
- * ALMEIDA, Milton José da. Ensinar Português? In o Texto na Sala de Aula - Leitura & Produção Org. por João Wanderley Geraldi. Cascavél, ASSOESTE, 1984.
- * GERALDI, João Wanderley. Concepção de Linguagem e Ensino de Português in O Texto na Sala de Aula - Leitura & Produção. Organizado por João Wanderley Geraldi. Cascavel, ASSOESTE, 1984.
- * GERALDI, João Wanderley. Escrita, Uso da Escrita e Avaliação in O Texto na Sala de Aula - Leitura & Produção. Org. por João Wanderley Geraldi. Cascavel, ASSOESTE, 1984.
- * GARCIA, Pedro Benjamim. Saber Popular / Educação Popular. Cadernos de Educação Popular 3. RJ, Vozes, 1986.
- * JACKSON, W. M. Enciclopédia Prática Jackson. SP, Brasileira, 1956.
- * NOVA ESCOLA, Veja com que Livros seus Alunos estão Aprendendo. SP, Abril, agosto, 1994, p. 24.
- * OLIVEIRA, Alaíde. O livro Didático. Belo Horizonte, Bernardo Alvares SA, 1968.
- * OLIVEIRA, João Batista Araújo; GUIAMRÃES, Sônia Dantas Pinto e BOMENY, Helena Maria Bousquet. SP, UNICAMP, 1984.
- * SERRA, Elizabeth D'ângelo. Intervenções Institucionais e Sistemas Educacionais in Cidadania e Educação. RJ, Tempo Brasileiro, 1995.
- * GÓES, Moacyr de. A Leitura como Construção da Cidadania in Cidade e Educação. RJ, Tempo Brasileiro, 1995.
- * PASSOS, Luciana; FONSECA, Albani e CHAVES, Marta. Alegria de Saber: Português. 1º grau, 1º série. SP, Scipioni, 1995.
- * BRAGANÇA, Angrolena Domanico; CARPANEDA, Isabela Pessoa de Melo e NASSUR, Regina Iára Moreira. Porta de Papel, Língua Portuguesa, 1. SP, FTD, 1992.
- * AZEVEDO, Dirce Guedes de. Festa das Palavras, 1. SP, FTD, 1992.
- * PASSOS, Luciana Maria Marinho. O Medinho e o Medão. Coleção a Festa do Livro. SP, Scipione, 1995.
- * PASSOS, Luciana Maria Marinho, A Festa das Palavras, Coleção Festa do Livro. SP, Scipione, 1991.

- * PASSOS, Luciana Maria Marinho. Bruxinhas e Bruxarias, Coleção Festa do Livro. SP, Scipione, 1994.
- * PASSOS, Luciana Maria Marinho. O Espantalho, Coleção a Festa do Livro. SP, Scipione, 1995.
- * PASSOS, Luciana Maria Marinho. Chiquita e Chuchu na Chácara. Coleção Festa do Livro. SP, Scipione, 1991.
- * PASSOS, Luciana Maria Marinho. A Escola da Pata, Coleção Festa do Livro. SP, Scipione, 1991.
- * SILVA, Tomaz Tadeu da. O Reproduz e o que Produz a Educação. Artes Médicas. Porto Alegre, 1992.



Com a palavra, seu livro

Primeira lição:

Nunca leia de mãos sujas.

Segunda lição:

Não dobre seu livro ao meio.

Faz mal à minha espinha.

Terceira lição:

Cuidado com as tesouras. São minhas grandes inimigas. Você não sabe que existem livros próprios para recortar?

Quarta lição:

Canetas. Odeio canetas. Não há borracha que apague o que elas escrevem.

Quinta lição:

Cuidado com água. Chuva então, nem pensar.

Sexta lição:

Cuidado com o sol. Um pouquinho até que faz bem, mas tem gente que me deixa horas ao sol.

Sabe o que acontece? Fico parecendo uma massa folhada.

Sétima lição:

Orelhas de burro. Isso é terrível, porque eu me acho muito inteligente.

Custa pegar um marcador de páginas?

Oitava lição:

Livro não come. Portanto não coma nunca sobre mim.

Agora espero que você me trate com muito carinho, e aí eu sempre vou ter coisas boas para dizer.



Adriana Didier e Roberto Nejme
Com a palavra, seu livro
Editora Rios, São Paulo



Menina bonita do laço de fita

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negra quando pula na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

Ana Maria Machado
Menina bonita do laço de fita
Melhoramentos, São Paulo

O gato Guto e o pato Pito

O gato Guto mora na casa da Rosa.
O gato Guto toma leite no prato.
O pato Pito mora na casa do Tito.
O pato Pito come bolo de fubá.
Pato Pito pisa no leite do gato.
Derrama todo o leite do prato.
Gato Guto pula no bolo do pato.

Ô seu pato boboca!
Não vê onde pisa?

Ô seu gato maluco,
acabou com o meu bolo.

Gato Guto berra:

— Miau, miau!

Pato Pito grita:

— Quá, quá, quá!



Esta história foi retirada do livro *O gato Guto e o pato Pito*, de Lúcia Pimentel Góes.

VOCABULÁRIO



Guto berra: grita.

Qual é a frase que tem o mesmo significado da que está no quadro?

Gato Guto berra: — Miau, miau!

- Gato Guto fala: — Miau, miau!
- Gato Guto grita: — Miau, miau!

ENTENDENDO O TEXTO



Responda com frases completas:

1) Quem mora na casa da Rosa?

2) Quem mora na casa do Tito?

3) Onde o gato Guto toma leite?

4) O que o pato Pito come?

Complete a frase, empregando uma palavra do quadro:

Gato Guto no bolo do pato.

pisa pula senta

CONVERSANDO SOBRE O TEXTO



Converse com seus colegas:

Por que o gato Guto e o pato Pito brigaram?

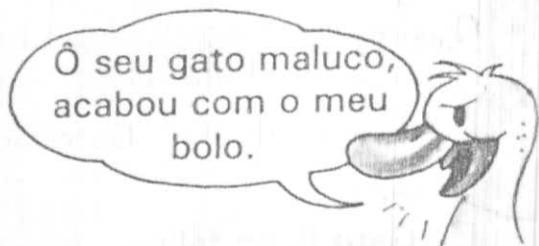
Você tem um animal de estimação? Fale sobre ele. Se você não tem, fale sobre algum que gostaria de ter.

ESCRITA E LEITURA: Balão de fala ★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Leia:



Ô seu pato boboca!
Não vê onde pisa?



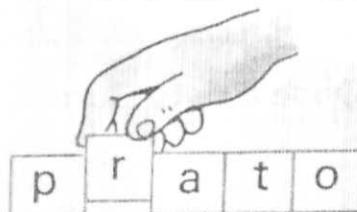
Ô seu gato maluco,
acabou com o meu
bolo.

Usamos o **balão de fala** para representar a conversa entre dois ou mais personagens de uma história.

- Invente um outro final para o texto **O gato Guto e o pato Pito**, escrevendo no caderno uma conversa entre eles. Faça um desenho e não se esqueça o balão de fala.

ORTOGRAFIA: Consoante + r ★★★★★★★★★★★★★★★★★★

p a t o



Na palavra **prato**, as consoantes **p** e **r** formam um **encoretro consonantal**.

1. Complete com **r** e descubra outras palavras:

tinta → t.....inta

peso → p.....eso

pata → p.....ata

fase → f.....ase

feio → f.....eio

faca → f.....aca

banco → b.....anco

cubo → cub.....o

fita → f.....ita

2. Complete com as sílabas dos quadros:

bra bre bri bro bru

cra cre cri cro cru

lem.....te

outu.....

co.....

.....lhante

em.....lho

.....ado

.....zeiro

.....chê

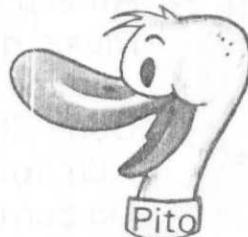
.....vo

es.....ver

GRAMÁTICA: Letras maiúsculas e minúsculas



As letras do alfabeto podem ser **maiúsculas** ou **minúsculas**.



Guto e **Pito** começam com letra **maiúscula**.

As letras maiúsculas são usadas para iniciar as frases e os nomes de pessoas, animais, lugares, ruas e escolas.

1. Copie do texto **O gato Guto** e **o pato Pito** os nomes que começam com letra maiúscula:

.....

2. Complete a ficha escrevendo nomes que começam com letra maiúscula:

Eu me chamo

Estudo na Escola

O nome de minha professora é

Moro à Rua

O nome de minha cidade é

3. Complete com letra maiúscula ou minúscula:

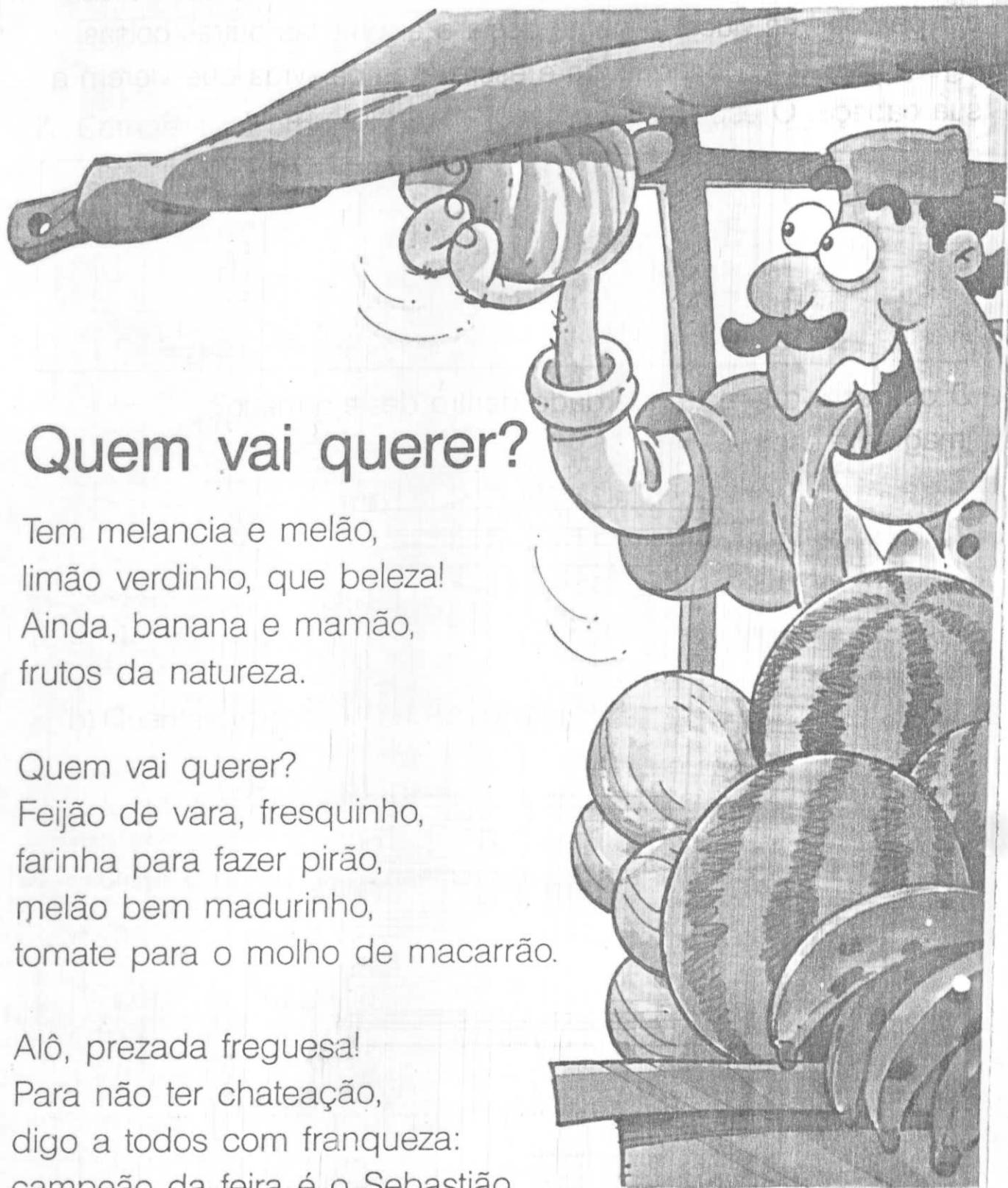
a)osa tem umato chamadouto.

b)ito tem umato chamadoito.

c)uto gosta deeite eito gosta deolo.

4. Escreva o nome de cinco pessoas de sua família. Não se esqueça: nomes de pessoas são escritos com letra maiúscula!

.....
.....



Quem vai querer?

Tem melancia e melão,
limão verdinho, que beleza!
Ainda, banana e mamão,
frutos da natureza.

Quem vai querer?
Feijão de vara, fresquinho,
farinha para fazer pirão,
melão bem madurinho,
tomate para o molho de macarrão.

Alô, prezada freguesa!
Para não ter chateação,
digo a todos com franqueza:
campeão da feira é o Sebastião.

ESTUDO DO TEXTO

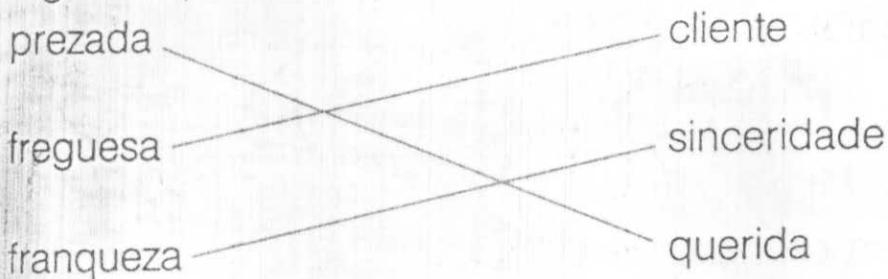
Vocabulário

prezada — querida, estimada

freguesa — cliente

franqueza — sinceridade

Ligue as palavras que têm o mesmo significado.



1. Responda.

a) Qual é o nome do feirante?

O nome do feirante é Sebastião.

b) Onde ele trabalha?

Ele trabalha na feira.

c) Que frutas ele vende?

Ele vende melancia, melão, limão, banana e mamão.

2. Marque a resposta certa.

a) Sebastião oferece seus produtos para:

os feirantes.

os filhos.

os fregueses.

b) O feijão de vara está:

amarelinho.

fresquinho.

velhinho.

3. Complete.

a) A  é para fazer pirão

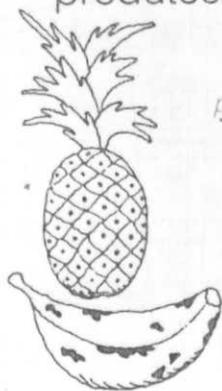
b) O  está bem madurinho

c) O  é para o molho de macarrão

4. Retire do texto o que Sebastião diz com franqueza.

Campeão da feira é o Sebastião.

5. Você viu que Sebastião sabe vender seus produtos. Agora, imagine que você é o vendedor de uma feira. Venda estes produtos. Escreva uma frase para cada um.



pessoa!

6. Responda oralmente.

Você já foi à feira? Lá, o que mais chamou a sua atenção?

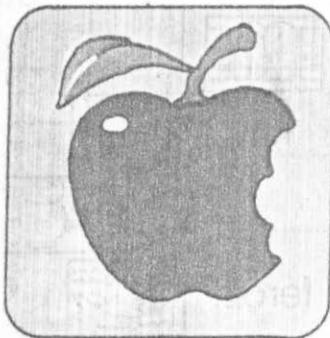
GRAMÁTICA

Emprego do til

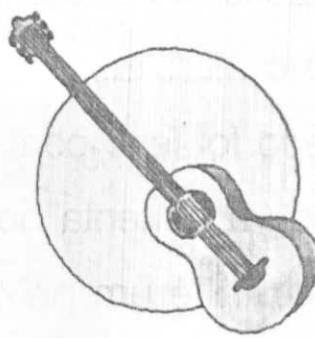
Observe as palavras: limões, mamão, põe, melão. Elas possuem um sinal sobre as vogais **a** e **o** para indicar som nasal. A este sinal damos o nome de **til**.



avião



maçã



violão



rã

1. Ordene as sílabas e forme palavras.

nhão ca mi

.....
caminhão

vi ão ga

.....
gavião

bão sa

.....
sabão

tão por

.....
portão

çã ma

.....
maçã

mã ir

.....
irmã

2. Coloque til se for necessário.

coração — avelã — papai — debaixo — voa
mamãe — cão — moeda — pimentão — anã
não — coroa — lâ — titio — avião — sorvete

3. Escreva palavras com:

ão
.....
.....
.....

ã
.....
.....
.....

4. Complete as frases, de acordo com os desenhos.

a) João fechou o 

b) O meu casaco foi feito com 

c) Mamãe socou a pimenta no 

d) O é um peixe feroz. 

ORTOGRAFIA.

Palavras com til

Leia.



O campeão

Lá vem o Tião!
Com boné na cabeça
e casaco de lã.
Ele corre na rua,
pula no chão,
come maçã
e joga pião.
Menino sapeca é o Tião.
Colega e amigo,
é um campeão!

1. Circule no texto as palavras com til.

2. Agora, copie-as nas linhas abaixo.

Tiãõ

cháõ

piãõ

lá

maçã

campeãõ

3. Separe as sílabas.

cordãõ

cor

dãõ

macarrãõ

ma

car

rãõ

pimentãõ

pi

men

tãõ

feijãõ

fei

jãõ

irmãõ

ir

mãõ

capitãõ

ca

pi

tãõ

4. Forme palavras.

pi

piãõ

le

ãõ

leãõ

avi

aviãõ

fa

facãõ

maca

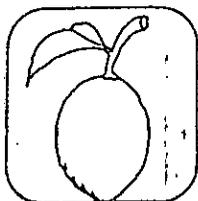
cãõ

macacãõ

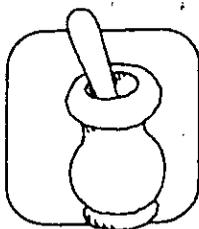
cane

canecãõ

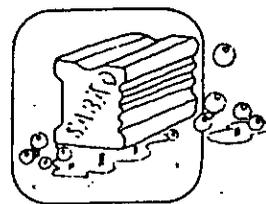
5. Escreva o nome das gravuras.



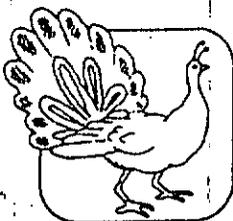
limãõ



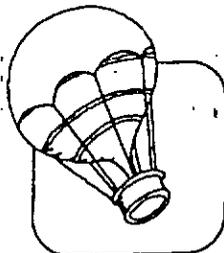
piãõ



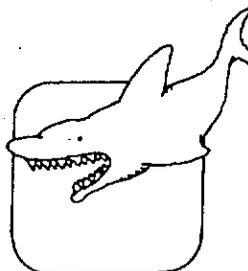
sabãõ



pavãõ



balãõ



tubarãõ

6. Resolva a cruzadinha.

10

9

4

10

9

7

8

6

5

1

2

3

4

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10